



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

ISAAC VILANOVA E SILVA NETO

**A TEORIA DAS PULSÕES EM FREUD E LACAN:
PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DE DIVERGÊNCIA**

**FORTALEZA
2009**

ISAAC VILANOVA E SILVA NETO

**A TEORIA DAS PULSÕES EM FREUD E LACAN:
PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DE DIVERGÊNCIA**

Dissertação submetida à coordenação de
Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Ceará como
requisito parcial para a obtenção do grau
de mestre.

Área de Concentração: Psicanálise

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Lincoln
Laranjeira Barrocas

**FORTALEZA
2009**

"Lecturis saludem"

Ficha Catalográfica elaborada por

Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593

tregina@ufc.br

Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

S58t

Silva Neto, Isaac Vilanova e.

A teoria das pulsões em Freud e Lacan [manuscrito] : pontos de convergência e de divergência / por Isaac Vilanova e Silva Neto. – 2009.

82f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará,Centro de Humanidades,Programa de Pós-Graduação em Psicologia,Fortaleza(CE), 03/09/2009.

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas.

Inclui bibliografia.

1-FREUD,SIGMUND,1856-1939.2-LACAN,JACQUES,1901-1981.3-TEORIA DAS PULSÕES. 4-ENERGIA PSÍQUICA (PSICANÁLISE). 5-INSTINTO DE MORTE. I- Barrocas, Ricardo Lincoln Laranjeira,orientador.II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III-Título.

CDD(22ª ed.) 150.195

100/09

ISAAC VILANOVA E SILVA NETO

**A TEORIA DAS PULSÕES EM FREUD E LACAN: PONTOS DE
CONVERGÊNCIA E DE DIVERGÊNCIA**

Dissertação submetida à coordenação de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre. Área de concentração: Psicanálise.

Defesa em: ____/____/ 2009

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas – Orientador

Prof^a. Dra. Maria Celina Peixoto Lima

Prof^a Dra. Vlândia Jamile dos Santos Jucá

Aos meus pais, Ismar Vilanova e Silva e Raimunda Veras Vilanova e Silva, e à minha irmã, Fátima Vilanova.

AGRADECIMENTOS

Os meus sinceros agradecimentos a todos que colaboraram para que eu conseguisse vencer o desafio de escrever a minha dissertação de mestrado:

Ao meu orientador, Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas, pela orientação competente e dedicada e por sua presença amiga e sempre encorajadora;

Às Professoras, Maria Celina Peixoto Lima e Vlândia Jamile dos Santos Jucá, por suas contribuições ao participarem da banca de qualificação e de defesa da dissertação;

À minha querida irmã, Fátima Vilanova, que esteve sempre presente nesta caminhada e que grande participação teve na conclusão deste percurso;

Aos meus irmãos, Santília, Ismar, Socorro, Ana e Juliana pelas palavras de estímulo e manifestações de apoio;

A querida amiga, Maria José Ferreira Gomes, incentivadora de todos os momentos.

À querida amiga, Eliane Diógenes, presença importante neste e em tantos outros momentos de minha vida;

À querida amiga do mestrado, Sílvia Amoedo, pelo prazer da companhia e pela interlocução nos estudos da psicanálise;

Aos demais colegas do mestrado pela convivência e amizade;

Ao Helder Hamilton Dias do Carmo, secretário do mestrado, pelo apoio;

Aos amigos de todas as horas, Ricardo Costa e Mosslanicir Cordeiro;

Aos colegas do Corpo Freudiano de Fortaleza – Escola de Psicanálise, pela interlocução fundamental no percurso da pesquisa;

À chefia do DDH-SRH, nas pessoas de Fernando Henrique Monteiro Carvalho – Superintendente; José Raimundo Soares da Silva – ex-diretor do DDH; Celina Amália Ramalho Galvão Lima – Diretora do DDH; Márcia Maria da Costa Martins – Diretora da Divisão de Apoio Psicossocial e Programas de Saúde; Elízio Aires Cartaxo – Diretor do Núcleo de Produção e Programas Culturais; por não medirem esforços em me conceder o tempo necessário para a conclusão da dissertação;

À amiga, Edna Bessa, por sua desmedida confiança de que eu venceria o desafio;

À minha querida e inesquecível, tia Eliezita, por seu carinho, dedicação e afeto.

RESUMO

A presente dissertação *A teoria das pulsões em Freud e Lacan: pontos de convergência e de divergência* tem como objetivo geral estudar a teoria das pulsões em Freud e Lacan, identificando o que é comum e o que diverge entre os dois. Os objetivos específicos são, quanto a Freud: a) investigar a construção do conceito de pulsão; b) pesquisar a constituição da primeira teoria pulsional: pulsões sexuais e pulsões do eu; c) estudar a formulação da segunda teoria pulsional: pulsões de vida e pulsões de morte. Quanto ao que Lacan concebeu sobre as pulsões, visa-se investigar: a) a ênfase dada ao imaginário e b) a ênfase dada ao simbólico. Para a escolha dos textos de Freud, foram consideradas a construção do conceito de pulsão e as primeira e segunda teorias a este respeito. Na seleção dos textos de Lacan, utilizou-se o critério de periodização de seu ensino sugerido por Miller (1982, 2005). Dentre outros comentadores consultados, citam-se Brousse (1997) e Leite (1996). A pesquisa realizada aponta as seguintes conclusões: A grande convergência da teoria pulsional entre os autores deve-se à afirmação de não haver uma base comum entre instinto e pulsão e por contemplar em suas teorias a dimensão do mais além do princípio de prazer. A diferença entre os dois psicanalistas procede de uma distinção epistemológica acerca da pulsão: Para Freud, observa-se que “no princípio foi ato”, ou seja, a pulsão representa a exigência de trabalho – ato – feita ao psiquismo inconsciente, em decorrência da ligação deste com o corpo. Para Lacan, no princípio está o verbo. A pulsão ($\$ \leftrightarrow D$), neste autor, é verbo, linguagem – constituída apenas por dois elementos simbólicos, o sujeito (\$) e a demanda do Outro – e é concebida como o que advém da demanda do Outro quando o sujeito aí desvanece. O conceito de fronteira na pulsão é abordado a partir de perspectivas diversas nos autores: em Freud, ocorre entre o somático e o mental, e em Lacan, entre a necessidade e a demanda. Nos últimos textos de Lacan, a pulsão é um conceito que está na fronteira entre o imaginário, o simbólico e o real. Freud trabalha, desde o início, com um modelo dualista da pulsão, e Lacan enfatiza a pulsão, fundamentalmente, como pulsão de morte. Consequentemente, a libido, para Lacan, está associada à pulsão de morte, enquanto que para Freud a libido é a energia de Eros, ou seja, vinculada à pulsão de vida. Percebe-se, em Freud, um destaque do aspecto econômico da pulsão, e sobre este aspecto em Lacan, os autores divergem: alguns dizem que o aspecto econômico está presente; outros, que ele foi suprimido. O investigador, no entanto, considera este aspecto apenas mitigado, porquanto presente em alguns textos lacanianos.

Palavras-chaves: Psicanálise. Pulsão. Pulsão de vida. Pulsão de morte. Pulsões sexuais. Libido.

ABSTRACT

The title of the present dissertation is "The drives in Freud and Lacan: points of convergence and divergence". The main objective was to analyze the theory of the drives in Freud and Lacan, identifying the points in which they differ and the points in which they converge. The specific objectives with regard to Freud were to investigate a) the development of the concept of drives, b) the constitution of the first theory of the drives (sex drive and ego drive) and c) the constitution of the second theory of the drives (life drive and death drive). With regard to Lacan, the specific objectives were to study the emphasis given to a) the imaginary, b) the symbolic. Our review of the literature included texts by Freud dealing with the concept of drive and the first and second theory of the drives, and texts by Lacan selected according to Miller's periodization of Lacan's teaching (1982, 2005). The works of Brousse (1997) and Leite (1996) were also consulted. The results show that the main convergence between Freud's and Lacan's theories of the drives lies in the absence of a common ground between instinct and drive and the acknowledgment of a dimension beyond the pleasure principle. The difference between the two psychoanalysts lies in their epistemological definitions of drive: To Freud, "in the beginning was the act", that is, the drive represents the demand of work—an act—made to the unconscious mind due its connection with the body. According to Lacan, "in the beginning was the word": Lacan conceives of drive ($\$ \leftrightarrow D$) as word, as language, composed of only two symbolic elements—the subject (\$) and the demand of the Other (D)—and stemming from the demand of the Other when the subject fades away. The concept of frontier is analyzed in light of several of the authors' perspectives: in Freud, the frontier separates psyche and soma, while in Lacan it lies between necessity and demand. In Lacan's last texts, the concept of drive lingers on the frontier between the imaginary, the symbolic and the real. From the beginning, Freud used a dualistic model of the drives, while Lacan emphasizes drive, essentially, as death drive. Thus, to Lacan libido is associated with the death drive, whereas Freud identified libido as the energy associated with Eros and thus related to the life drive. Freud's emphasis on the economic aspect of the drives counters Lacan's views: some authors believe the economic aspect is present in Lacan, others think it has been suppressed. Though the aspect has been included in some of Lacan's texts, the present author nevertheless considers it to have been merely mitigated.

Key words: psychoanalysis; drive; life drive; death drive; sex drive; libido.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação das relações estabelecidas entre o eu, o isso e o recalcado	37
Figura 2 - Representação das relações estabelecidas entre o eu, o isso e o supereu.....	39
Figura 3 – Grafo I.	54
Figura 4 – Grafo II.	55
Figura 5 – Grafo III e o Grafo completo.	57
Figura 6 - Representação do circuito pulsional, em Lacan.	64
Figura 7 – Os vínculos estabelecidos entre o campo do Outro e o sujeito.	66

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	8
1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A TEORIA FREUDIANA DAS PULSÕES	15
2.1 A construção do conceito de pulsão	15
2.2 O primeiro dualismo pulsional: pulsões sexuais e pulsões do eu	19
2.3 O segundo dualismo pulsional: pulsões de vida e pulsões de morte	27
3 A TEORIA LACANIANA DAS PULSÕES	49
3.1 A ênfase no imaginário e a teoria das pulsões	49
3.2 A ênfase no simbólico e a teoria das pulsões	51
3.2.1 O grafo do desejo e a fórmula da pulsão	54
3.2.2 A sexualidade nos desfiles do significante e a desmontagem da pulsão	60
4 O CONFRONTO DA TEORIA PULSIONAL EM FREUD	
E LACAN	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
BIBLIOGRAFIA	77

1 INTRODUÇÃO

A problemática da pesquisa consiste no estudo e discussão da teoria das pulsões em Freud e Lacan, procurando identificar os seus possíveis pontos de convergência e de divergência.

A motivação da escolha do objeto de estudo da pesquisa deve-se aos questionamentos que a teoria das pulsões em Freud e Lacan trouxe ao investigador quanto ao que é comum e o que diverge nesta teoria e, por tratar-se, sobretudo, de um conceito fundamental da psicanálise. Outro elemento que contribuiu para a investigação desta questão foram as mudanças operadas na clínica freudiana, a partir da substituição da primeira pela segunda teoria pulsional e, na clínica lacaniana, a relação estabelecida entre o modelo pulsional e a ênfase nos registros do imaginário, do simbólico e do real. A pesquisa, em Lacan, se concentrará apenas nos dois primeiros registros, em virtude da extensão e da complexidade da investigação caso fosse contemplada, também, a ênfase no real ou como é conhecido este período de seu ensino, a clínica do real. A clínica do real poderá ser utilizada como objeto de uma investigação posterior. Percebeu-se, na realização da revisão bibliográfica, uma escassa literatura disponível sobre o confronto da teoria das pulsões em Freud e Lacan. Desta forma, a investigação visa contribuir, mesmo de forma modesta, para a literatura e o aprofundamento da questão.

Na clínica freudiana, observam-se dois momentos relativos ao pulsional. O primeiro, caracterizado pela necessidade de tradução do recalado – representação ideativa das pulsões – para a consciência e do esforço para descobrir uma saída definitiva para o sofrimento sintomático. Para tanto, Freud utiliza o recurso da interpretação como eixo na direção do tratamento. Ele acredita que o encontro com a verdade sintomática e sua simbolização podem abolir o próprio sintoma. Porém, a clínica apresenta para Freud a impossibilidade da completa tradução do recalado, além da constatação de que o acesso a esta verdade só ocorre através dos derivados do recalado.

Em uma carta a Wilhelm Fliess, de 16 de abril de 1900 (*Carta 133*), sobre o caso Herr E em tratamento desde 1897, Freud apresenta a exigência de ter que se haver com os resíduos em análise:

Seu enigma está quase completamente solucionado, sua condição é excelente, e todo o seu ser está alterado; no momento, permanece um resíduo de seus sintomas. Estou começando a entender que a natureza aparentemente interminável do tratamento é algo determinado por lei e depende da transferência. Espero que esse resíduo não prejudique o sucesso prático (1987 [1900], v. XXIII, p. 245-246).

Desta forma, a ambição terapêutica da eliminação do conflito psíquico ou do sintoma, parece-lhe impossível. Freud percebe que a natureza interminável da análise diz respeito aos resíduos do sintoma.

O segundo momento da clínica freudiana é marcado pelo mais além do princípio de prazer, pela pulsão de morte e pela compulsão à repetição. Em um trecho do capítulo III de *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]), Freud aponta uma mudança nos objetivos da prática analítica:

Vinte e cinco anos de intenso trabalho tiveram por resultado que os objetivos imediatos da psicanálise sejam hoje inteiramente diferentes do que eram no começo. A princípio, o médico que analisava não podia fazer mais do que descobrir o material inconsciente oculto para o paciente, reuni-lo e no momento oportuno comunicá-lo a este. A psicanálise era então, primeiro e acima de tudo, uma arte interpretativa.

[...] Contudo, tornou-se cada vez mais claro que o objetivo que fora estabelecido — que o inconsciente deve tornar-se consciente — não era completamente atingível através desse método. O paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha reprimido, e o que não lhe é possível recordar pode ser exatamente a parte essencial (1987[1920], v. XVIII, p.31).

Em consequência, Freud tenta explicar as dificuldades encontradas na clínica – os fenômenos da compulsão à repetição – com a formulação do além do princípio de prazer e a hipótese da pulsão de morte. Este período é marcado pelo que existe de irredutível no pulsional, o caráter conservador da pulsão.

No escrito, *Análise terminável e interminável* (1987 [1937]), Freud questiona-se sobre a possibilidade de amansar as pulsões ao afirmar: “A questão era a de saber se é possível livrar-se de modo permanente e definitivo de um conflito instintual — isto é, ‘amansar’ desse modo uma exigência instintual” (1987 [1937], v. XXIII, p. 257).

Por outros motivos, existem, também, dois momentos distintos na clínica lacaniana¹: a clínica do simbólico e a clínica do real. A clínica do simbólico é a do sintoma, do desejo, do significante, da transmissão do saber inconsciente e da decifração do sentido. Desta forma, a interpretação visa restabelecer o sentido do recalcado e o analista ocupa o lugar do Outro, no qual o sentido pode advir. É a clínica na qual a ênfase recai no inconsciente estruturado como uma linguagem. Infere-se que esta clínica lacaniana muito se aproxima da freudiana, pois o destaque está na fala, na linguagem e na interpretação. Lacan retoma de Freud a noção de condensação e de deslocamento, para utilizá-la como metáfora e metonímia, respectivamente, sintoma e desejo.

Na clínica do real, Lacan dá relevo à dimensão real da fantasia e não apenas a dimensão imaginária ou simbólica. Ele aponta a primazia do real no pulsional e a intervenção do analista enfatiza o lugar que o sujeito ocupa diante do gozo, a satisfação pulsional. Neste modelo da direção do tratamento, o analista está no lugar do objeto *a*, posicionando-se, desta forma, como causa do discurso a ele dirigido.

O objetivo geral da pesquisa é estudar a teoria das pulsões em Freud e Lacan, identificando o que é comum e o que diverge entre os autores. Os objetivos específicos são os seguintes : a) Investigar a construção do conceito de pulsão na teoria freudiana ; b) Pesquisar a constituição da primeira teoria pulsional em Freud: pulsões sexuais e pulsões do eu ; c) Estudar a formação da segunda teoria pulsional em Freud: pulsões de vida e pulsões de morte ; d) Analisar a ênfase do imaginário na teoria pulsional lacaniana; e) Investigar a ênfase do simbólico na teoria das pulsões em Lacan ; f) Realizar o confronto da teoria pulsional em Freud e Lacan, definindo o que é comum e o que diverge.

Para a psicanálise, a teoria, a pesquisa e a clínica estão interligadas. A metodologia aplicada neste trabalho de investigação contempla uma revisão bibliográfica da construção da teoria das pulsões em Freud e Lacan, seguindo-se a realização do confronto desta teoria nos dois autores.

A escolha dos textos freudianos foi realizada levando em consideração a construção do conceito de pulsão e da elaboração da primeira e da segunda teoria das pulsões.

¹ Miller, no seminário *Los signos del goce* (1987), propõe uma divisão do ensino de Lacan em um primeiro e um segundo Lacan, ou em uma primeira e uma segunda clínica.

Executou-se o levantamento dos escritos em duas etapas: a) Pesquisa e seleção de todos os textos que na obra freudiana aparecem os termos pulsão, pulsão do eu, pulsão autopreservativa, pulsão sexual, pulsão de vida, pulsão de morte, libido; b) Uma vez identificados e lidos os textos com estas expressões, efetuou-se a escolha daqueles que apresentaram, com maior clareza e profundidade, a construção do conceito e a exposição da primeira e da segunda teoria pulsional. Utilizou-se o *cd-rom da Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, da Editora Imago, para realizar a investigação dos termos ou expressões.

A tradução utilizada neste trabalho do termo alemão *Trieb* será a de pulsão e somente será usada a expressão instinto quando se tratar de citação da tradução da obra de Freud. A palavra pulsão foi escolhida exatamente para marcar que Freud faz uma distinção entre *Trieb* e *Instinkt*; o primeiro, como a manifestação da sexualidade no ser humano, caracterizada por um comportamento não pré-formado e sem objeto específico ou predeterminado, enquanto, o segundo mostrará a presença do comportamento padrão dos demais animais, determinado hereditariamente e com objeto específico.

Os textos de Freud selecionados foram os seguintes: 1) *Rascunhos E– Como se origina a angústia* (1987 [1894]); 2) *Projeto para uma psicologia científica* (1987 [1895]); 3) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1987 [1895]); 4) *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1987 [1910]); 5) *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1987 [1914]); 6) *Os instintos e suas vicissitudes* (1987 [1915]); 7) *Repressão* (1987 [1915]); 8) *O inconsciente* (1987 [1915]); 9) *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]); 10) *O ego e o id* (1987[1923]); 11) *O problema econômico do masoquismo* (1987 [1923]); 12) *O mal-estar na civilização* (1987 [1929]); 13) *Esboço de Psicanálise* (1987 [1938]).

Leite (2001) refere-se aos dois modelos de periodização do ensino de Lacan proposto por Miller (1982). O primeiro sugerido por Miller divide o ensino de Lacan em três períodos: o imaginário, o simbólico e o real. É um critério teórico-histórico que mostra a ênfase de cada um destes registros na obra lacaniana. O segundo foi exposto por Miller no seminário *Los signos del goce* (1987), que apresenta o estudo da obra lacaniana em dois momentos: a primeira e a segunda clínica. A primeira clínica tendo como eixo o inconsciente estruturado como uma linguagem e a segunda, a ênfase sobre o real, o gozo e o posicionamento do sujeito em relação a este.

No estudo e na seleção dos textos de Lacan, utilizou-se como critério o primeiro modelo de periodização de ensino deste autor sugerido por Miller, porque para o investigador parece traduzir com maior nitidez as mudanças operadas na teoria das pulsões ao longo de sua obra. Para efetivar-se a escolha dos escritos lacanianos, conforme o modelo acima aludido seguiu-se a indicação proposta por Miller (2005) em *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*.

Uma vez lidos os seminários e os textos sugeridos por Miller (2005), fez-se uma seleção daqueles que pudessem melhor situar a teoria das pulsões em Lacan, e, desta maneira, permitir o confronto com a teoria pulsional em Freud.

Nesta direção, foram privilegiados os seguintes textos de Lacan: 1) *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1998 [1949]); 2) *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise* (1998 [1953]); 3) *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]); 4) *Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1988 [1964]).

Os comentadores utilizados no desenvolvimento deste estudo são Miller (2005), Brousse² (1997), Leite (1992) e outros. Brousse (1997) comenta os capítulos XII e XIII do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]) de Lacan. Miller (2005) apresenta como a teoria das pulsões em Lacan vai se situando e sendo construída nos períodos em que a ênfase recai no imaginário, no simbólico e no real. Leite (1992) aponta uma diferença epistemológica entre Freud e Lacan.

O texto da dissertação será apresentado em três tópicos antecédidos desta introdução e seguidos pelas considerações finais. O tópico 2 versa sobre a teoria freudiana das pulsões, apresentando a construção do conceito, o primeiro dualismo pulsional, que são as pulsões sexuais e as pulsões do eu; e o segundo dualismo pulsional, ou seja, pulsões de vida e pulsões de morte. O tópico 3 aborda a teoria lacaniana das pulsões, discorrendo sobre a ênfase: no imaginário e no simbólico. O tópico 4 contempla o confronto da teoria pulsional em Freud e Lacan, apontando pontos de convergências e de divergências.

² Brousse comenta os capítulos XII e XIII do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]), no livro *Para ler o seminário 11 de Lacan*, cujos organizadores são Feldstein (1997), Fink e Jaanus.

2 A TEORIA FREUDIANA DAS PULSÕES

2.1 A construção do conceito de pulsão

As primeiras aproximações ao conceito de pulsão de Freud estão descritas no texto *Como se origina a angústia do Rascunho E* (1987 [1894]). Freud considera que a angústia de seus pacientes neuróticos possui vínculo estreito com a sexualidade. Ele estabelece uma conexão entre o aparecimento da angústia e acumulação da tensão sexual física. Esta sucede em decorrência de sua descarga ter sido evitada, levando o autor a indagar-se sobre o motivo da vinculação entre ela e a angústia.

Para compreender a relação entre sexualidade e angústia, Freud considera que a atenção deve estar voltada para a excitação endógena, tensão endógena. Ele cita a fome, a sede e a pulsão sexual³ como exemplos destas excitações. Das excitações endógenas, é a pulsão sexual a que será indispensável para dar continuidade ao trabalho investigativo e clínico de Freud.

Quando a tensão endógena, mais precisamente a tensão sexual física, ultrapassa determinado limiar, ela passa a ter uma significação psíquica e desperta a libido⁴ psíquica. Esta significação psíquica decorre da ação da tensão endógena sobre determinado grupo de ideias. A ação sobre este grupo de ideias apresenta como consequência a busca de soluções para pôr fim à tensão endógena. As expressões excitação endógena e pulsão sexual não são tomadas como sinônimas, mas a primeira já manifesta em si o *gérmen* da elaboração da segunda.

No *Projeto para uma psicologia científica* (1987 [1895]), Freud apresenta uma diferença entre os estímulos externos e aqueles originados no próprio elemento somático, os estímulos endógenos, cada um deles fazendo exigências distintas ao aparelho psíquico. A aproximação e as semelhanças entre os estímulos endógenos e as pulsões é que interessam à investigação.

³ Na tradução do escrito *Como se origina a angústia do Rascunho E* (1987 [1894]), aparece a expressão pulsão em vez de instinto, como normalmente é traduzido *Trieb*.

⁴ Segundo nota do editor inglês James Strachey e pesquisa feita pelo investigador, talvez esta seja a primeira vez que a expressão libido ocorre na obra freudiana.

O princípio de inércia neuronal revela a atividade empreendida pelos neurônios para libertar-se dos estímulos presentes neles, ou seja, para eliminar totalmente as quantidades de energia recebidas dos estímulos externos. Os neurônios se repartem em motores e sensoriais e funcionam como um dispositivo cuja função é eliminar os estímulos externos por meio da descarga.

O sistema nervoso primário busca libertar-se dos estímulos externos mediante uma descarga pelo aparelho muscular. Essa descarga do estímulo representa para o sistema nervoso a sua função primária, mas é possível o desenvolvimento de uma função secundária relacionada com a fuga ao estímulo.

Freud apresenta outra situação que também é capaz de romper o princípio de inércia: os estímulos endógenos. Estes têm origem no elemento somático e traduzem também a necessidade de descarga. Eles representam as grandes necessidades: fome, respiração e sexualidade. A fuga empreendida pelo organismo não tem qualquer efeito sobre os estímulos endógenos, o que os distingue dos estímulos externos.

A descarga dos estímulos endógenos só é executada mediante ações específicas realizadas no mundo externo. Para a realização desta ação, faz-se necessário um esforço independente dos estímulos endógenos presentes nos neurônios e normalmente maior.

No *Projeto para uma psicologia científica* (1987 [1895]), Freud expressa as relações estabelecidas entre os estímulos endógenos, o esforço independente destes estímulos e a ação específica:

Eles cessam apenas mediante certas condições, que devem ser realizadas no mundo externo. (Cf., por exemplo, a necessidade de nutrição.) Para efetuar essa ação (que merece ser qualificada de “específica”), requer-se um esforço que seja independente da $Q'n^5$ endógena e, em geral, maior, já que o indivíduo se acha sujeito a condições que podem ser descritas como as *exigências da vida*. Em consequência, o sistema nervoso é obrigado a abandonar sua tendência original à inércia (isto é, a reduzir o nível [da $Q'n$] a zero). Precisa tolerar [a manutenção de] um acúmulo de Q suficiente para satisfazer as exigências de uma ação específica (FREUD, 1987 [1895], v.I, p. 317).

⁵ Para Freud, $Q'n$ representa a quantidade da ordem da magnitude intercelular, ou seja, a quantidade de estímulo presente.

Este tipo de estimulação sujeitará o sistema nervoso a renunciar à tendência original à inércia, redução da quantidade de estímulo a zero. O sistema será obrigado a conviver com uma quantidade de estímulo capaz de uma ação específica.

Esta nova modalidade econômica de funcionamento do sistema nervoso se esforça por manter a quantidade de estímulos nos neurônios no nível menor possível ou mantê-la constante. São os estímulos endógenos, mais particularmente, os que estão relacionados à sexualidade, os precursores das pulsões.

No escrito *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1987 [1905]), citam-se três dos quatro elementos da pulsão: a fonte, o objeto e a finalidade. A pressão da pulsão, seu quarto elemento, só é introduzida em *Os instintos e suas vicissitudes* (1987[1915]).

Quando Freud trabalha neste escrito, o assunto da inversão⁶ nos desvios relativos ao objeto sexual, ele procede a uma observação relevante sobre o objeto da pulsão. Refere-se ao elo estabelecido entre a pulsão e seu objeto. Poder-se-ia imaginar, equivocadamente, a existência de uma relação estreita e necessária entre a pulsão e seu objeto, caso tomasse em consideração apenas a ligação entre um homem e uma mulher. A inversão vem denunciar a precariedade deste vínculo.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1987 [1905]), Freud assim expressa o vínculo entre a energia da pulsão sexual e os sintomas:

[...] não quero dizer simplesmente que a energia do instinto sexual faz uma contribuição às forças que mantêm as manifestações patológicas (os sintomas). Pretendo expressamente afirmar que essa contribuição é a mais importante e a única fonte constante de energia da neurose e que, em consequência, a vida sexual das pessoas em questão é expressa – seja exclusiva ou principalmente, seja apenas parcialmente – nestes sintomas. Como disse alhures, os sintomas constituem a atividade sexual do paciente (1987 [1905], v. VII, p. 166).

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1987 [1905]), Freud apresenta a pulsão como situada na fronteira entre o anímico e o somático. Ele enfatiza que a pulsão, em si, não tem qualidade e que deve ser vista tão-somente como exigência de trabalho feita à mente. A diferença entre as pulsões é estabelecida a partir de suas fontes e alvos. Para Freud, “a fonte de um instinto é um processo de excitação que ocorre num órgão e o objetivo imediato do instinto consiste na eliminação deste estímulo orgânico” (FREUD, 1987 [1905],

⁶ Quando o indivíduo tem como objeto sexual uma pessoa de seu próprio sexo.

v. VII, p. 171). A supressão deste estímulo orgânico é algo bastante problemático para a teoria das pulsões, senão, impossível, pois, a força da pulsão é constante, como está expresso em *Os instintos e suas vicissitudes* (1987 [1915]).

Freud alerta acerca dos perigos e das limitações de considerar a infância sem sexualidade. Isto implica uma barreira à compreensão das pulsões e da sexualidade do adulto. Para a psicanálise, a pulsão sexual está presente desde a infância. Foi o estudo dos distúrbios neuróticos que permitiu afirmar a existência de uma organização sexual infantil. A criança é um perverso polimorfo, ou seja, a excitação sexual pode se originar em várias zonas erógenas, não se restringindo aos genitais. O adulto, tal como a criança, é, também, marcado pela pluralidade das zonas erógenas.

Outro aspecto muito importante no estudo das pulsões refere-se à noção de apoio. Este termo representa a relação primitiva que as pulsões sexuais mantêm com a finalidade de autopreservação. Tome-se o exemplo da pulsão oral, vinculada, inicialmente, à necessidade alimentar da criança. O alimento, ao ser ingerido, não só sacia a fome, mas também desperta algo mais, o prazer da sucção do seio e aquele associado ao contato do alimento com as membranas mucosas. A finalidade autopreservativa da alimentação desperta uma pulsão, a pulsão oral e uma área produtora de prazer, agora denominada de zona erógena⁷. A noção de apoio na teoria freudiana não serve para apontar uma continuidade entre a função autopreservativa e a sexual, mas, pelo contrário, para mostrar o desvio desta em relação aquela.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1987 [1905]), Freud refere-se ao vínculo estabelecido entre a sexualidade infantil e a finalidade de autopreservação:

De início, a atividade sexual se liga a funções que atendem à finalidade de autopreservação e não se torna independente delas senão mais tarde. Ninguém que já tenha visto um bebê reclinar-se saciado do seio e dormir com as faces coradas e um sorriso feliz pode fugir à reflexão de que este quadro persiste como protótipo da expressão da satisfação sexual na vida ulterior. A necessidade de repetir a satisfação sexual desliga-se agora da necessidade de nutrir-se (FREUD, 1987 [1905], v. VII, p. 186).

A pulsão sexual, na infância, não é unificada; inicialmente, ela é auto-erótica, ou seja, sem objeto. O erotismo oral surge numa fase bastante primitiva da vida sexual das crianças. Noutro momento desta organização, a ênfase está no sadismo e no erotismo anal.

⁷ Segundo Freud, é uma parte da pele ou da membrana mucosa que, uma vez estimulada, é capaz de produzir uma sensação prazerosa, tornando-se uma área de prazer sexual.

Mesmo na infância, há o caráter erógeno dos órgãos genitais e isto poderá incidir de duas maneiras: a primeira, pela estimulação direta nestas zonas e a segunda de um modo ainda não totalmente inteligível, quando a zona erógena é objeto da excitação indireta por meio de outras fontes. Para Freud, não era evidente como se estabelecia a relação entre a excitação e a satisfação sexual, e qual a conexão entre a atividade da zona genital e a das demais zonas erógenas.

Nesse texto, Freud refere-se ao recalçamento como uma força, ou um obstáculo psíquico, que impede a pulsão sexual de atingir seu alvo, a satisfação. A pulsão é impelida para outros caminhos e se manifesta por meio dos sintomas. O texto *Repressão* (1987 [1915]) trabalha minuciosamente este tema.

2.2 O primeiro dualismo pulsional: pulsões sexuais e pulsões do eu

A importância do escrito *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1987 [1910]) decorre do fato de Freud haver empregado pela primeira vez a expressão pulsões do eu. É certo que ele já se havia reportado às pulsões sexuais nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1987 [1905]), mas, nele, as situa em oposição às necessidades fisiológicas. Com a formulação das pulsões do eu e das pulsões sexuais, no artigo *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1987 [1910]), tem-se, pois, a formulação do primeiro dualismo pulsional.

Em uma carta escrita em 12 de abril de 1910 para Ferenczi⁸, Freud descreve este artigo como não tendo nenhum valor. Este seu comentário, contudo, parece ao investigador, um exagero, pois, apesar de ser um texto curto, de apenas sete páginas, oferece questões importantes para a investigação psicanalítica.

Ele apresenta a origem da vida psíquica como estando relacionada à interação mútua entre forças. Vê-se aqui, como também, desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1987 [1895]) e até o final de sua obra com o *Esboço de Psicanálise* (1987 [1938]), a presença do fator econômico como inerente ao funcionamento psíquico.

⁸ Segundo uma nota de James Strachey, no texto *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (FREUD, 1987 [1910], v. XI, p. 195).

Freud oferecerá uma explicação da perturbação psicogênica da visão a partir do conflito existente entre duas exigências: as das pulsões sexuais e as das pulsões do eu. As pulsões sexuais, na medida em que investem economicamente nos seus objetos, acabam investindo sexualmente no campo visual: o prazer sexual em olhar. Isto acaba por atrair para si a ação defensiva das pulsões do eu. As ideias através das quais a pulsão sexual se manifestava sofrem o efeito maciço do recalque. O eu deixaria de ter o controle sobre o órgão da visão, já que este se encontra a disposição da pulsão sexual recalçada.

Em *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1987 [1910]), Freud discorre também sobre um assunto que será detalhado no texto *O mal-estar na civilização* (1987 [1929]): o homem e a renúncia pulsional imposta pela civilização. Ele mostra o quanto o desenvolvimento da civilização decorre do recalque da pulsão sexual, assim como de sua transformação para fins que possibilitem manter e fazer evoluir a civilização.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1987 [1914]), Freud trata da questão do narcisismo, e, mais particularmente, da libido do eu e libido objetal. A expressão narcisismo foi utilizada por Paul Näcke, em 1899, para traduzir o comportamento de uma pessoa que toma o próprio corpo como um objeto sexual. A libido é investida no próprio corpo.

O estudo do narcisismo foi, sobretudo, decorrente dos trabalhos desenvolvidos por Freud acerca da psicose e das perversões. Ele observou, entretanto, que o narcisismo também fazia parte do desenvolvimento normal do indivíduo. Inicialmente, a libido toma o eu como objeto de seus investimentos. O eu pode ser tomado pelos investimentos diretos da libido, narcisismo primário, ou ser alvo da ação dos investimentos libidinais que retornam dos objetos, narcisismo secundário.

Uma grande contribuição do escrito *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1987 [1914]) para o estudo da teoria das pulsões trata-se de o eu ser tomado como o grande reservatório da libido das pulsões sexuais. Isto submete a risco o primeiro dualismo pulsional, aproximando-o da teoria monista de Jung. A solução para este problema não foi dada de imediato, pois teve de esperar até 1920, quando Freud, em *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]), reagrupou as pulsões sexuais e as pulsões do eu no grupo das pulsões vida, situando-

o em oposição às pulsões de morte. Ele salva, desta forma, o dualismo pulsional na teoria das pulsões.

No texto *Os instintos e suas vicissitudes* (1987 [1915]), existe a advertência de que a pulsão, mesmo se expressando como uma exigência de trabalho feita à mente, não deve ser igualada ao estímulo mental. Essa exigência de trabalho parte de um estímulo de dentro do próprio organismo e possui força constante.

O estímulo mental, que tem origem no mundo exterior, apresenta impacto único. Em relação ao que procede da estimulação externa, o sujeito terá pela ação muscular a opção de tentar afastá-lo ou fugir de seu campo de ação. A ação muscular apresenta um efeito sobre a ação do estímulo externo, mas não sobre a pulsão. A eficácia da ação muscular proporciona a primeira diferenciação entre o que é interno e externo.

Para Freud, o que melhor expressa um estímulo pulsional é a “necessidade” e o que pode apagar este estado é a satisfação decorrente de uma modificação adequada na fonte desta pulsão. A existência de estímulos pulsionais revela a presença de um mundo interno.

No texto há pouco aludido, discute-se novamente um tema que já havia sido abordado no *Projeto para uma psicologia científica* (1987[1895]) e que será analisado detalhadamente em *Além do princípio de prazer* (1987[1920]). Freud diz que o sistema nervoso busca desembaraçar-se de seus estímulos ou reduzi-los ao mínimo possível.

Vê-se que, para os estímulos externos, o sistema nervoso opera com sucesso muito facilmente, pois pode alcançar sua meta simplesmente afastando-os do seu campo perceptivo. No que diz respeito à pulsão, todavia, isso não é atingido tão prontamente, pois, do estímulo pulsional, o sujeito não pode se apartar. Em relação a isto, Freud conclui que foi a pulsão, e não os estímulos externos, a responsável pelo atual desenvolvimento do sistema nervoso. A necessidade de ter que lidar com o afluxo constante de estímulo pulsional foi que permitiu o progresso deste sistema.

A pulsão é situada como um conceito na fronteira entre o psíquico e o somático. Freud assim se refere no que diz respeito aos vínculos estabelecidos entre a pulsão, o somático, o corpo, a exigência de trabalho e a mente:

Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um ‘instinto’ nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (1987 [1915], v. XIV, p. 142).

Neste excerto, Freud ressalta vários aspectos que o conceito de pulsão apresenta: o primeiro, de estar na fronteira entre o mental e o somático; o segundo, de ser representante de estímulos originados internamente ao organismo; o terceiro, da exigência de trabalho que resulta da ligação da mente com o corpo. Este último aspecto da pulsão evoca a ideia de que a ligação da mente com o corpo não é um dado imediato. Não se trata de um elemento inato e sim de algo que exige da mente trabalho e representação; um valioso alerta para não esquecer os fatores indispensáveis para a articulação e compreensão deste conceito fundamental da psicanálise.

A elaboração do conceito de pulsão realiza-se por meio de seus quatro elementos: a fonte, *quelle*; a pressão, *drang*; a finalidade, *ziel* e o objeto, *objekt*.

A fonte (*quelle*) é o lugar a partir do qual o estímulo pulsional tem sua origem. Em tese, a fonte da pulsão seria aplicada para todas as pulsões, mas no seu desenvolvimento teórico, Freud somente a associa às pulsões sexuais. Freud faz, em *Os instintos e suas vicissitudes* (1987[1915]), as seguintes considerações acerca da fonte de uma pulsão:

Por fonte [*Quelle*] de um instinto entendemos o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto. Não sabemos se esse processo é invariavelmente de natureza química ou se pode também corresponder a liberação de outras forças, por exemplo, forças mecânicas. O estudo das fontes dos instintos está fora do âmbito da psicologia. Embora os instintos sejam inteiramente determinados por sua origem numa fonte somática, na vida mental nós os conhecemos apenas por suas finalidades. O conhecimento exato das fontes de um instinto não é invariavelmente necessário para fins de investigação psicológica; por vezes sua fonte pode ser inferida de sua finalidade (1987 [1915], v. XIV, p.143-4).

A pressão (*drang*) da pulsão é o aspecto motor, econômico ou quantitativo da pulsão; é uma força constante e se revela na exigência de trabalho operada sobre a mente desde a fonte. A pressão exercida pela pulsão passa a ser concebida como a essência de toda pulsão. A pressão é o elemento que mais se aproxima da máxima freudiana de que toda pulsão é um fragmento de atividade.

A satisfação é o que pode ser observado como a finalidade (*ziel*) da pulsão, ou, em outras palavras, é a abolição do estado de excitação na fonte da pulsão.

O objeto (*objekt*) é o elemento por meio do qual a pulsão atinge a sua satisfação. O objeto é o que existe de mais variável em uma pulsão. O essencial não é a sua natureza intrínseca, mas sim, o fato de que, por meio dele, a pulsão atinja a sua satisfação. A pulsão não está ligada, inicialmente, a ele. Não há a necessidade de que seja algo estranho ao sujeito, mas é possível que seja parte de seu próprio corpo.

Na avaliação de Freud, o estudo das pulsões com base na consciência oferece grandes limitações, o que torna seu estudo dependente da pesquisa psicanalítica das perturbações mentais. A investigação será centralizada nas pulsões sexuais, visto que é o grupo pulsional que poderá ser identificado mais facilmente nesta observação.

As pulsões ou, mais precisamente, as pulsões sexuais, podem ser objeto, em seu desenvolvimento e no transcurso da vida, dos seguintes destinos: reversão ao seu oposto, retorno em direção ao próprio eu do indivíduo, recalque e sublimação. Estes destinos constituem defesas no que concerne à pulsão.

A reversão ao seu oposto é alvo de um desdobramento em dois processos: uma mudança da atividade para a passividade e uma reversão do conteúdo. Estes processos devem ser tratados isoladamente, pois dessemelhantes são as suas naturezas. O sadismo-masiquismo e a escopofilia-exibicionismo são os exemplos citados no caso da reversão da atividade para a passividade. Na substituição da atividade (torturar e olhar) pela passividade (ser torturado e ser olhado), o que ocorre de fato é uma modificação no modo de atingir a satisfação; quanto a isso, pode haver uma forma ativa ou passiva.

O retorno da pulsão em direção ao próprio eu ocorre quando o sujeito é quem passa a ser o objeto da ação da pulsão. Os pares sadismo-masiquismo e escopofilia-exibicionismo são exemplos para este destino pulsional. O masiquismo, neste texto, é considerado como o sadismo, que retorna ao sujeito tomado como objeto. A compreensão do masiquismo será transformada com a formulação da hipótese da pulsão de morte introduzida no texto *Além do princípio de prazer* (1987[1920]). Nos exemplos ora citados, pode-se

asseverar que houve para a pulsão não somente uma reversão ao seu oposto, mas também um retorno em direção ao próprio eu.

O recalque, o terceiro destino pulsional, é estudado pormenorizadamente no artigo *Repressão* (1987 [1915]). O recalque é uma modalidade de defesa que procura tornar inoperante o impulso pulsional, mas nunca excluí-lo. Nesta modalidade de defesa, é negado o acesso dos representantes ideativos da pulsão à consciência. É uma batalha realizada entre duas forças, a das pulsões sexuais, buscando a satisfação, e a do recalque, tentando neutralizar a primeira. Observa-se o aspecto econômico na luta efetuada por estas duas forças.

No artigo *Repressão* (1987 [1915]), Freud se questiona por que a pulsão deve ser objeto da ação do recalque, na medida em que espera daquela apenas a satisfação:

Não é fácil deduzir em teoria a possibilidade de algo como a repressão. Por que deve um impulso instintual sofrer uma vicissitude como essa? Condição necessária para que ela ocorra deve ser, sem dúvida, que a consecução, pelo instinto, de sua finalidade produza desprazer em vez de prazer. Contudo, não podemos imaginar facilmente tal eventualidade. Não existem tais instintos: a satisfação de um instinto é sempre agradável. Teríamos de supor a existência de certas circunstâncias peculiares, alguma espécie de processo através do qual o prazer da satisfação se transforma em desprazer (1987 [1915], v. XIV, p. 169).

A explicação para essa situação, segundo Freud, decorre de que a satisfação de uma pulsão leva ao prazer num determinado sistema psíquico e desprazer noutro. É o protótipo da queixa do sofrimento do neurótico. Para que ocorra o recalque da pulsão, é necessário que a força do desprazer seja superior ao prazer alcançado pela satisfação pulsional. Freud garante que a função defensiva do recalque não está presente desde o início, mas somente a partir da clivagem da atividade psíquica em inconsciente e consciente.

O recalque possui duas etapas: o recalque primário e o recalque propriamente dito. A primeira consiste em impedir o acesso à consciência ao representante ideacional da pulsão. Nessa situação, estabelece-se uma fixação na qual o representante psíquico permanece inalterado e a pulsão continua a ele vinculado. A segunda incide nos derivados psíquicos do representante recalcado e refere-se a uma pressão posterior. As forças atuantes no recalque propriamente dito são duas: a de repulsão, que age a partir da consciência; e a de atração, exercida pelo recalcado primordial. Freud acredita que o sucesso do recalque depende da cooperação destas duas forças.

O recalque opera de uma maneira altamente individual e os ideais dos homens mantêm uma estreita relação com os objetos mais execrados por eles, tal como ocorre no fetiche. Neste último, tem-se a divisão do representante recalcado em duas partes: a que sofre a ação do recalque e a que, em virtude de desta ligação ao recalcado, passa pela idealização.

A ação do recalque não acontece uma única vez e nem oferece resultados permanentes. É um processo constante e como tal exige um persistente consumo de energia. O recalcado realiza uma pressão incessante em direção à consciência.

No texto, Freud destaca que o recalque não incide somente no representante pulsional investido com uma determinada quota de energia psíquica – libido – procedente de uma pulsão, mas também, no afeto:

Agora, a observação clínica nos obriga a dividir aquilo que até o presente consideramos como sendo uma entidade única, de uma vez que essa observação, nos indica que, além da idéia, outro elemento representativo do instinto tem que ser levado em consideração, e que esse outro elemento passa por vicissitudes de repressão que podem ser bem diferentes das experimentadas pela idéia. Geralmente, a expressão quota de afeto tem sido adotada para designar esse outro elemento do representante psíquico. Corresponde ao instinto na medida em que este se afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos (1987 [1915], v. XIV, p. 176).

Na descrição de um caso de recalque devem-se acompanhar separadamente os destinos da idéia e do afeto. No texto, o afeto é referido como sendo a expressão da quantidade da energia pulsional.

No que se refere à idéia, o recalque consiste em fazê-la desaparecer da consciência, caso já se encontre aí situada, ou afastá-la deste sistema psíquico caso esteja na iminência de se tornar consciente. No texto *O inconsciente* (1987 [1915]), o afeto apresenta três destinos metapsicológicos: “ou o afeto permanece, no todo ou em parte, como é; ou é transformado numa quota de afeto qualitativamente diferente, sobretudo em ansiedade; ou é suprimido, isto é, impedido de se desenvolver” (FREUD, 1987 [1915], V XIV, p. 204). A supressão do afeto constitui a verdadeira finalidade do recalque e o trabalho deste não será completo se esta meta não for atingida.

A sublimação é o último destino pulsional apontado no texto *Os instintos e suas vicissitudes* (1987[1915]) e resulta da substituição do objeto e da finalidade da pulsão por

outros não sexuais e valorizados socialmente. Ela mantém uma relação estreita com a civilização, já que esta exige uma constante renúncia à satisfação pulsional. Freud falou, principalmente, da atividade artística e da produção intelectual como duas de suas expressões. Estas manifestações não apresentam um vínculo evidente com a sexualidade, mas a força relacionada a estas produções são tributárias da pulsão sexual. Grandes avanços da cultura estão associados à sublimação. Mesmo a sublimação tendo sido discutida em alguns de seus artigos, no entanto, o desenvolvimento de sua formulação teórica não é tão elaborado quanto os de seus outros conceitos.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1987 [1914]), Freud esclarece o vínculo entre a satisfação sexual e a sublimação:

A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato de o instinto se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade (1987 [1914], v. XIV, p. 111).

Em outro texto, *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1987 [1910]), Freud estabelece uma relação entre a pulsão sexual, a sublimação e a atividade profissional:

A observação da vida cotidiana das pessoas mostra-nos que a maioria conseguiu orientar uma boa parte das forças resultantes do instinto sexual para sua atividade profissional. O instinto sexual presta-se bem a isso, já que é dotado de uma capacidade de sublimação: isto é, tem a capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados (1987 [1910], v. XI, p. 72).

No escrito *O inconsciente* (1987 [1915]), ele acentua que a pulsão só pode ser representada no inconsciente por meio de uma ideia. Que a pulsão “nunca pode tornar-se objeto da consciência — só a ideia que o representa pode” (FREUD, 1987 [1915], v. XIV, p. 203). Caso uma pulsão não se ligue a uma idéia ou não esteja associada a um estado afetivo, nenhum conhecimento se pode ter dela.

O núcleo do inconsciente é formado pelos representantes ideativos das pulsões. Estes estão lado a lado sem se influenciarem. Freud afirma que as tentativas de fuga à exigência pulsional não apresenta nenhum sucesso. Apesar desta asserção, ele continua a indagar-se até o final de sua obra, como no artigo *Análise terminável e interminável* (1987 [1937]), acerca das possibilidades de amansar as exigências pulsionais. Dois impulsos

pulsionais cujas finalidades apresentam oposição entre si podem permanecer ativos no inconsciente, ou seja, seu funcionamento obedece ao princípio da não-contradição.

2.3 O segundo dualismo pulsional: pulsões de vida e pulsões de morte

O artigo *Além do princípio de prazer* (1987[1920]) inicia-se afirmando que os eventos mentais satisfazem o princípio de prazer, quer dizer, eles buscam reduzir a tensão psíquica ao nível mais baixo possível, ou, ao menos, tentam conservá-la constante. Esta restrição da tensão pode expressar-se pela tentativa de fuga do desprazer ou pela busca de prazer. O desprazer é tomado como sinônimo de aumento da tensão psíquica não vinculada, enquanto o prazer é sua redução. Qualquer circunstância que possa elevar o grau de excitação psíquica é percebida por este sistema como contrária ao seu funcionamento.

No texto *Além do princípio de prazer* (1987[1920]), Freud posiciona-se sobre a necessidade de suposições especulativas em sua elaboração teórica :

[...] Chegamos a essas suposições especulativas numa tentativa de descrever e explicar os fatos da observação diária em nosso campo de estudo. A prioridade e a originalidade não se encontram entre os objetivos que o trabalho psicanalítico estabelece para si, e as impressões subjacentes à hipótese do princípio de prazer são tão evidentes, que dificilmente podem ser desprezadas (1987 [1920], v. XVIII, p. 17).

O autor considera que a relação prazer-desprazer não é tão simples e, muito menos, se reduz tão-somente ao aspecto econômico. Apesar desta ressalva, ele enfatiza desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1987[1895]), que é provavelmente o elemento econômico o fator determinante. Mesmo utilizando uma hipótese econômica para explicar a série prazer-desprazer, ele continua a indagar-se sobre o sentido desta série. Freud não encontra grandes contribuições de outros campos do conhecimento para explicar o significado da série prazer-desprazer.

O princípio de prazer é visto como tendência e não dominância do funcionamento psíquico. Se houvesse tal dominância, os eventos mentais se encaminhariam normalmente para o prazer, e sabe-se que isto nem sempre corresponde aos fatos encontrados na clínica.

No capítulo I de *Além do princípio de prazer* (1987[1920]), cita-se três exemplos em que o princípio de prazer aparece inibido. O primeiro decorre da substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade. Esta substituição não renuncia ao prazer, mas o adia. Ocorre que o desprazer suportado passa a fazer parte do longo caminho que levará o sujeito ao prazer. O segundo exemplo é o aparecimento do desprazer, resultante de conflitos psíquicos, no período em que o eu está se tornando uma estrutura mais complexa. O terceiro exemplo pode ser dado com suporte no recalque, quando as pulsões sexuais impedidas, inicialmente, de atingir seus alvos, conseguem, noutro momento, atingir a satisfação. Elas são percebidas pelo eu como desprazerosas, satisfação para o inconsciente e desprazer para o sistema pré-consciente-consciente. Este é o paradigma do sofrimento neurótico.

Freud considera ser a maior parte do desprazer que acomete o homem um desprazer perceptivo. Este é identificado na pressão exercida pelas pulsões insatisfeitas e naquilo que é aflitivo ou reconhecido como perigoso para o sujeito. Para ele, mesmo com essas situações, o princípio de prazer não será muito limitado em seu campo de ação.

No capítulo II, desse mesmo texto, duas situações põem em xeque o princípio de prazer e seu mais além: os sonhos repetidos, na neurose traumática, que trazem o sonhador à situação do trauma e a repetição nas brincadeiras infantis. Nesse capítulo, ele tratou apenas da repetição presente nas brincadeiras infantis.

No texto *Além do princípio de prazer* (1987[1920]), Freud relata a brincadeira infantil de seu neto de um ano e meio de idade. A brincadeira consistia em jogar quaisquer objetos que estivessem ao seu alcance para longe e sob a cama. Esta ação era acompanhada por um sonoro ‘o-o-o-ó’ carregado de júbilo. Tratava-se de jogar de ‘ir embora’ com seus brinquedos. Noutro momento, esta mesma criança realizava uma brincadeira semelhante com um carretel de madeira com um pedaço de cordão atado ao redor dele. Jogava-o por sobre a borda de sua cama encortinada. O carretel ocultava-se por entre as cortinas. Nesta ocasião, falava um sonoro ‘o-o-o-ó’. Freud reconhecia neste “o-o-o-ó” a palavra alemã *fort*, isto é, fora. Em seguida, recolhia o cordão e brindava o reaparecimento do carretel com um alegre *da*, palavra alemã correspondente a aqui. O jogo se resumia no desaparecimento e retorno deste. Freud diz que normalmente se via tão-somente a primeira ação, mas que a alegria se concentrava no segundo ato. Ele sugere algumas hipóteses explicativas para este jogo: uma forma de elaborar as idas e vindas da mãe; encenar ativamente o que foi vivido passivamente;

lançar o brinquedo ao longe como forma de exercer um impulso de vingança que foi suprimido em relação à mãe. Com base nesta brincadeira infantil, Freud se interroga se o impulso para elaborar uma situação traumática pode ser realizado independentemente do princípio de prazer. A brincadeira infantil e sua repetição foram formas que a criança utilizou para elaborar o que para ela era traumático: as vivências passivas de separação da mãe.

No capítulo III, fala-se da repetição na transferência. O sujeito em análise não consegue recordar-se completamente do que um dia foi recalcado. Então, aquilo que foi recalcado e não consegue ser recordado é repetido na transferência. É repetido como algo atual. Esta tendência presente na transferência manifesta-se como uma compulsão à repetição. Esta compulsão decorre da própria força inerente ao recalcado. Neste momento, a técnica analítica visa a que a recordação possa substituir a repetição ou mantê-la no mínimo. A recordação permite que o material recalcado apareça para o sujeito como pertencendo ao seu passado e não ao seu presente.

Existe, para Freud, uma compulsão à repetição que rememora experiências, as quais não trazem ou nunca trouxeram possibilidade de prazer, nem mesmo para as pulsões recalçadas. Admite que a compulsão à repetição pode, não somente, sobrepujar, mas também, ser mais primitiva, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer.

Se, por um lado, o funcionamento psíquico aponta para a tendência do aspecto econômico do princípio de prazer, de outra parte, a dinâmica pulsional reconhece apenas a exigência da repetição, da compulsão à repetição. Vê-se, em *Além do princípio de prazer* (1987[1920]), a estreita relação estabelecida entre o funcionamento psíquico e a compulsão à repetição.

A relação estabelecida entre a pulsão e a compulsão à repetição pode ser explicada com amparo em dois elementos: o primeiro, pela força constante da pulsão, e o segundo, por ser a pulsão, segundo Freud, um impulso que busca restabelecer um estado anterior.

Freud já havia analisado a compulsão à repetição no artigo *O estranho* (1987 [1919]) e já a vinculava aos impulsos pulsionais:

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos (1987 [1919], v.XVII, p. 297-298).

Vê-se que Freud já trabalhava em *O estranho* (1987 [1919]) a relação entre o pulsional e a repetição, ou, mais precisamente, entre o pulsional e a compulsão à repetição. O que há de inédito em *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]) é a vinculação estabelecida entre a compulsão à repetição e o novo dualismo pulsional, pulsões de vida e pulsões de morte, e, mais especificamente, com a pulsão de morte; o aspecto por excelência conservador e repetitivo da pulsão de morte.

No capítulo IV de *Além do princípio de prazer* (1987 [1919]), Freud traz como especulativas as ideias que desenvolve nesse escrito:

O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma idéia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará (1987[1920], v. XVIII, p. 39).

Neste capítulo, a consciência é situada como, apenas, um dos aspectos dos processos mentais e não o mais importante, e, sim, uma função especial destes. A visão oferecida para a consciência é obtida do exame dos processos inconscientes. O papel precípua da consciência está na percepção dos estímulos procedentes do mundo externo e, também, na detecção dos sentimentos decorrentes da série prazer-desprazer. O sistema percepção-consciência fica na fronteira entre o exterior e o interior.

Enfatiza-se, nesse capítulo, a importância de se ter algo que proteja o organismo vivo das grandes estimulações externas. O escudo protetor ficará responsável por fazer a defesa em relação a estes estímulos externos. Para Freud, "A proteção contra os estímulos é, para os organismos vivos, uma função quase mais importante do que a recepção deles" (1987 [1920], v. XVIII, p. 43). Sugere-se, nesse capítulo, que o papel do escudo protetor possa ser desempenhado no homem pelo sistema perceptivo-consciente.

No capítulo IV, faz-se referência às excitações externas, capazes de romper esta proteção. Estas excitações são chamadas de traumáticas, sendo relevantes para a discussão, visto que são aptas a suspender, momentaneamente, o princípio de prazer. Elas inundam o aparelho psíquico com um grande volume de estímulos que provocam, por parte do aparelho psíquico, medidas defensivas. As excitações são vinculadas psiquicamente para que possam ser eliminadas posteriormente.

O sistema perceptivo-consciente recebe estimulações vindas não somente do mundo externo, mas, também, de procedência interna. Aparece, então, uma diferença marcante da atuação deste sistema quanto a estas excitações. Os estímulos externos são reduzidos em seu impacto no aparelho psíquico em virtude da ação deste sistema, o mesmo não ocorrendo com as estimulações provenientes de seu mundo interno.

A ação do sistema perceptivo-consciente, como escudo protetor, restringe-se às excitações provenientes do mundo externo. Não existe escudo protetor para as excitações oriundas de seu mundo interno. Esta situação provoca uma vulnerabilidade do sistema psíquico quanto às excitações internas. Muitas destas excitações ocasionam um efeito traumático no aparelho mental semelhante às excitações externas traumáticas.

Freud assim se refere ao escudo protetor em relação aos estímulos de seu mundo interno:

[...] No sentido do interior, não pode haver esse escudo; as excitações das camadas mais profundas estendem-se para o sistema diretamente e em quantidade não reduzida, até onde algumas de suas características dão origem a sentimentos da série prazer-desprazer (1987 [1920], v. XVIII, p. 44).

Os sonhos da neurose traumática parecem distanciar-se do objetivo almejado nos sonhos, ou seja, a realização do desejo de forma alucinatória, sob o domínio do princípio de prazer. Eles conduzem o sonhador, regularmente, de volta à cena do trauma. Não parecem obedecer ao princípio de prazer.

Os sonhos repetitivos da neurose traumática realizam outra tarefa: o domínio retrospectivo do estímulo. Esta função psíquica não se opõe ao princípio de prazer, mas “é sem embargo independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer

e evitar desprazer” (FREUD, 1987 [1920], v. XVIII, p. 43). Os sonhos repetitivos da neurose traumática estão sob o domínio da compulsão à repetição.

O capítulo V apresenta o aparelho psíquico não possuindo um escudo protetor que o possa resguardar dos estímulos internos. Estes estímulos podem, muitas vezes, ocasionar alterações no funcionamento psíquico, semelhantes às ensejadas pelas neuroses traumáticas. As pulsões são as maiores representantes desses estímulos internos. Os impulsos das pulsões pertencem aos processos livremente móveis ou processos primários que pressionam em direção à descarga.

O processo primário rege os impulsos das pulsões no inconsciente. As características principais dos impulsos pulsionais no inconsciente são: o livre escoamento, o deslocamento e a condensação. Em oposição ao processo primário, tem-se o processo secundário do sistema pré-consciente-consciente, caracterizado pelos impulsos vinculados e por sua submissão ao princípio de realidade.

Os estratos mais elevados do aparelho psíquico terão como missão transformar a catexia livremente móvel das pulsões em investimentos vinculados e, assim, submetê-la à dominância do princípio de prazer.

No capítulo V, trabalham-se, também, a origem da vida e o aspecto conservador da pulsão. Primeiro, o estado inanimado e, em seguida, a vida. A vida surgiu em decorrência de forças perturbadoras externas sobre a matéria inanimada. Estas forças evocaram a vida, onde, anteriormente, só existia o inanimado.

A tensão gerada pelo surgimento da vida provoca no organismo vivo um impulso que busca reverter este processo. Este impulso é a primeira pulsão: o impulso que restitui o organismo vivo ao estado anterior inanimado. A pulsão, pois, é um impulso que tenta restabelecer o que era. Aqui, a ênfase recai sobre o aspecto conservador da pulsão. Pode-se perceber neste aspecto conservador da pulsão uma grande aproximação com a hipótese que desenvolve da compulsão à repetição.

O organismo vivo apresenta um percurso particular que o conduz à morte. As pulsões de conservação têm a função de garantir este percurso e também de afastar a substância viva de um caminho para a morte que não seja por causas internas.

Freud defende o argumento de que o ser vivo rudimentar não aspira à mudança, caso as condições externas se mantenham constantes. Seu único anseio é reproduzir o mesmo percurso da vida que finalmente o levará à morte.

No início, era fácil a substância viva morrer, pois seu caminho para a morte era breve. O período evolutivo do organismo vivo é marcado por uma renovação constante da vida, seguindo-se rapidamente pela morte. Isto persistiu até que poderosas influências externas foram modificadas e provocaram um desvio tão marcante no curso da substância viva que prolongou o caminho que a levou à morte.

A pulsão sexual é considerada conservadora tanto quanto aquele grupo que trilha o caminho para a morte. É conservadora pelos seguintes motivos: conduzir de volta a registros precedentes das substâncias vivas; por ser particularmente resistente ao domínio dos estímulos externos; e por preservar a vida por um longo período.

No início do capítulo VI, de *Além do princípio de prazer* (1987[1920]), assevera-se que a investigação psicanalítica, até aquele momento, é a consolidação da distinção entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. Reapresenta-se o primeiro dualismo pulsional, pulsões do eu e pulsões sexuais, com a reafirmação de que as primeiras pressionam em direção à morte, e as outras, ao prolongamento da vida.

Modifica-se, em parte, o que havia sido dito no capítulo V, pois, se garante que apenas as pulsões do eu possuem o aspecto conservador das pulsões: caráter retrógrado e de compulsão à repetição. A justificativa para tal asserção decorre de que apenas a origem das pulsões do eu está relacionada à animação da matéria e na busca da restauração do estado inanimado, enquanto as pulsões sexuais, mesmo reproduzindo estados primitivos dos organismos, buscam como alvo a junção de duas células germinais. Freud se indaga a respeito do que pode estar se repetindo na reprodução sexual ou na conjugação de dois protozoários, no entanto, não encontra resposta.

Freud introduz o segundo dualismo pulsional: pulsões de vida e pulsões de morte, agrupando, inicialmente, as pulsões do eu com as pulsões de morte e as pulsões sexuais com as pulsões de vida.

No capítulo VI, é efetivada uma aproximação entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais e, por conseguinte, distanciando aquelas das pulsões de morte. O eu é posto como reservatório das pulsões sexuais e daí partem os investimentos para os objetos. O eu também é tomado como um dos objetos privilegiados dos investimentos libidinais. Freud agora apresenta as pulsões do eu, não ao lado das pulsões de morte, e sim como tributárias, juntamente com as pulsões sexuais, das pulsões de vida.

É importante lembrar algo de fundamental para a constituição da teoria pulsional em Freud. Trata-se do risco que a assimilação da pulsão do eu ao campo da pulsão sexual apresenta ao seu pensamento de trabalhar as pulsões sempre partindo de um dualismo. Esta assimilação já havia sido insinuada no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1987 [1914]), na medida em que o eu é também objeto dos investimentos libidinais das pulsões sexuais. A pulsão sexual investe tanto no objeto quanto no eu, libido de objeto e libido do eu. Esta assimilação aproxima Freud do monismo pulsional junguiano. Ele sai deste impasse na medida em que cria outro dualismo pulsional: pulsões de vida e pulsões de morte.

Atente-se para o que Freud tem a dizer sobre a sua defesa em relação à hipótese do dualismo pulsional:

[...] Nossas concepções, desde o início, foram dualistas e são hoje ainda mais definidamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre instintos do ego e instintos sexuais, mas entre instintos de vida e instintos de morte. A teoria da libido de Jung é, pelo contrário, monista; o fato de haver ele chamado sua única força instintual de ‘libido’, destina-se a causar confusão, mas não precisa afastar-nos sob outros aspectos (1987 [1920], v. XVIII, p. 73).

Freud retorna ao tema do princípio econômico do funcionamento da vida mental, ou seja, o esforço que a mente executa para reduzir, manter constante ou remover a tensão interna, em razão dos estímulos e que se expressa no princípio de prazer. Ele considera que isto oferece fortes indícios para se acreditar na existência das pulsões de morte.

Ainda no capítulo VI, Freud toma uma posição que parece contrapor-se ao que já havia desenvolvido no capítulo III, acerca da relação estabelecida entre a compulsão à repetição e a pulsão sexual:

Contudo, ainda sentimos nossa linha de pensamento apreciavelmente travada pelo fato de não podermos atribuir ao instinto sexual a característica de uma compulsão à repetição que primeiramente nos colocou na trilha dos instintos de morte (1987 [1920], v. XVIII, p. 66).

No capítulo III, Freud posiciona-se favoravelmente à ligação entre a compulsão à repetição e a pulsão sexual, na medida em que “a compulsão à repetição deve ser atribuída ao reprimido inconsciente” (FREUD, 1987 [1920], v. XVIII, p. 30-31). Talvez a negação do vínculo empreendida por Freud entre a pulsão sexual e a compulsão à repetição possa ser explicada apenas pela ênfase que ele intenta conferir ao vínculo entre a compulsão à repetição e a pulsão de morte. O que há de radical na compulsão à repetição para o funcionamento psíquico está na pulsão que lhe é subjacente, a pulsão de morte e sua independência em relação ao princípio de prazer

Freud questiona-se até que ponto está convicto de suas hipóteses. A resposta que oferece é de não se encontrar convencido ou, que nem sabe, se acredita nelas e muito menos se está disposto a cultivar a crença dos outros para estas hipóteses. Ele acredita que o novo dualismo pulsional, pulsões de vida e pulsões de morte, não apresenta o mesmo grau de certeza dos outros dois passos dados na teoria das pulsões: o conceito de sexualidade e a hipótese do narcisismo. Ele afirma que estes dois passos foram uma transposição direta das observações da clínica para a teoria. Freud, no entanto, assevera que o caráter regressivo das pulsões representou um elemento levado para a teoria psicanalítica desde a observação clínica da compulsão à repetição. Este texto mostra claramente os movimentos de idas e vindas de Freud em sua elaboração teórica.

Mesmo defendendo este novo dualismo pulsional, Freud encontra muitas dificuldades para mantê-lo, e a saída encontrada para não desistir desta hipótese é presumir que as pulsões de vida e de morte estão associadas desde o início. Trata-se de uma equação com duas variáveis com quantidades ignoradas.

O início do capítulo VII apresenta uma discussão que já havia sido desenvolvida nos outros capítulos de *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]), mas que alerta para algo

tão radical para a teoria psicanalítica. Diz respeito ao caráter restaurador, regressivo, das pulsões, mais particularmente, das pulsões de morte. Isto mostra que tantos processos do funcionamento mental se executam independentemente do princípio de prazer.

O capítulo VII apresenta uma síntese das principais hipóteses desenvolvidas ao longo do texto *Além do princípio de prazer* (1987[1920]), a saber: a) o princípio de prazer como tendência do funcionamento do aparelho psíquico; b) a existência de eventos psíquicos que se efetuam com independência em relação ao princípio de prazer; c) o aspecto conservador das pulsões; d) a compulsão à repetição; e) a sujeição dos impulsos pulsionais pelo aparelho psíquico; f) o novo dualismo pulsional, pulsões de vida e pulsões de morte; g) as pulsões de vida mantendo maior contato com a percepção interna e manifestando-se como rompedores da paz e h) as pulsões de morte executando sua atividade discretamente.

O artigo *O ego e o id* (1987 [1923]) é um escrito no qual Freud desenvolve, também, algumas ideias expostas em *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]) :

Os presentes estudos constituem novo desenvolvimento de algumas sequências de pensamento que expus em *Além do Princípio de Prazer* (1920), e para com as quais, como então observei, minha atitude era de um tipo de benevolente curiosidade. Nas páginas que se seguem, esses pensamentos são vinculados a diversos fatos da observação analítica e faz-se uma tentativa de chegar a novas conclusões, a partir dessa conjunção (1987 [1920], v. XIX, p. 23).

Para o editor inglês James Strachey, este foi o último dos grandes escritos teóricos de Freud. Nele, é desenvolvido um novo modelo de descrição e de funcionamento do aparelho psíquico. Deve-se ressaltar que, apesar de novo, este modelo é consequência de todas as contribuições teóricas, desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1987 [1895]) até *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]).

Em *O ego e o id* (1987 [1923]), Freud estabelece as relações entre o eu, o isso, o supereu, o inconsciente, o recalcado e as pulsões de vida e de morte. Este escrito enfatiza o aspecto dinâmico do funcionamento psíquico e faz uso das especulações teóricas desenvolvidas em *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]): as pulsões de vida e as pulsões de morte.

Em *O ego e o id* (1987 [1923]), tem-se nova divisão das instâncias psíquicas que não mais coincidirá com a cisão entre os sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente. O

isso, o eu e o supereu são as novas instâncias mentais. O isso e o supereu são inconscientes e o eu é em grande parte inconsciente. É o início da segunda tópica freudiana.

Freud indica que o eu tem origem no sistema perceptivo, que constitui seu núcleo, iniciando com a inclusão do pré-consciente. Não é nítida a separação do eu com o isso. O eu é esta parte do isso que passou por uma modificação, em virtude da relação estabelecida com o mundo externo, por meio do sistema percepção-consciência. De certa forma, o eu é o prolongamento da superfície deste sistema. Freud enfatiza que o eu é, antes de tudo, um eu corporal. O eu não circunscreve totalmente o isso, como descrito a seguir e representado na Figura 2:

Examinaremos agora o indivíduo como um id psíquico, desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o ego, desenvolvido a partir de seu núcleo, o sistema Pcpt.⁹ Se fizermos um esforço para representar isso pictoricamente, podemos acrescentar que o ego não envolve completamente o id, mas apenas até o ponto em que o sistema Pcpt. forma a sua [do ego] superfície, mais ou menos como o disco germinal repousa sobre o óvulo. O ego não se acha nitidamente separado do id; sua parte inferior funde-se com ele (FREUD, 1987 [1923], v. XIX, p. 37-38).

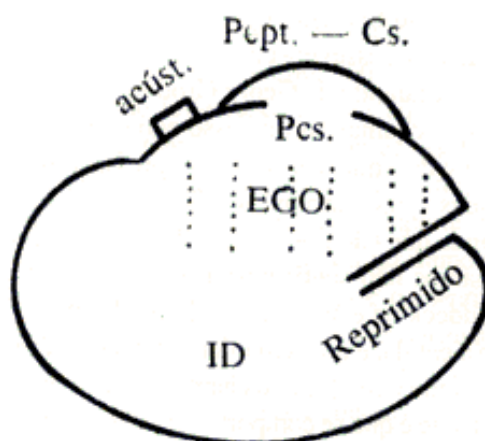


Figura 1 – Representação das relações estabelecidas entre o eu, o isso e o recalcado¹⁰.

⁹ Pcpt é uma abreviatura de perceptivo.

¹⁰ Figura apresentada no texto *O ego e o id* (1987 [1923], v. XIX, p. 38). Foram substituídas as expressões latinas id e ego por suas correspondentes em português.

O recalcado é, na segunda tópica, uma parte do isso. Ele mantém relação com o eu por intermédio do isso e aparta-se do eu mediante as resistências do recalque.

O isso é o representante das forças pulsionais. Aí reina o princípio de prazer. O eu busca exercer o controle do mundo externo sobre o isso, assim como a mudança do regime do princípio do prazer pelo princípio de realidade.

O eu é estabelecido como a instância psíquica que prima pela razão, e o isso, pelas paixões pulsionais. Freud exhibe as características principais do eu na sua relação com os processos mentais, com a consciência, a motilidade e o recalque:

Formamos a idéia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu ego. É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade – isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos. Desse ego procedem também as repressões, por meio das quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade (1987 [1923], v. XIX, p. 28-29).

Freud faz uso de uma metáfora para melhor explicitar a relação que o eu mantém com o isso. Trata-se da relação estabelecida entre o cavaleiro e seu cavalo. O cavaleiro tenta exercer o controle sobre a força do cavalo. Busca realizar essa façanha fazendo uso das forças que lhe são inerentes. O eu tenta desempenhar um controle semelhante sobre o isso, porém tomando de empréstimo a própria força deste. O cavaleiro, muitas vezes, para não se encontrar apartado do cavalo, é compelido a ir para onde este se dirige. O mesmo ocorre com o eu que, frequentemente, realiza a vontade do isso, como se fosse a sua.

O eu não possui um nem dois senhores, mas três. Sua ação tenta conciliar ou satisfazer, se é que possível, três exigências: a do mundo externo, a do supereu e a do isso. Diante de tantas reivindicações irrompe, muitas vezes, a angústia no eu. Freud, no escrito *A dissecação da personalidade psíquica* (1987 [1932]), apresenta a angústia em sua relação com o mundo externo, com o supereu e com o isso:

Assim, o ego, pressionado pelo id, confinado pelo superego, repellido pela realidade, luta por exercer eficientemente sua incumbência econômica de instituir a harmonia entre as forças e as influências que atuam nele e sobre ele; e podemos compreender como é que com tanta frequência não podemos reprimir uma exclamação: ‘A vida não é fácil!’ Se o ego é obrigado a admitir

sua fraqueza, ele irrompe em ansiedade¹¹ – ansiedade realística referente ao mundo externo, ansiedade moral referente ao superego e ansiedade neurótica referente à força das paixões do id (1987 [1932], v. XXII, p. 99-100)).

O supereu é uma parte do eu que se diferencia e que se aparta deste. O supereu é a herança do complexo de Édipo, ou melhor, ele é um precipitado das influências que os pais, como autoridades externas, exerceram sobre a criança. O supereu é o lugar da assimilação desta instância parental. Esta instância parental deixará como legado, para o supereu, a rigidez, a severidade, a função proibidora e punitiva. O supereu oscila entre a função de auto-observação e a de manter ou buscar um ideal. O supereu é formado, não com o modelo dos pais, mas, a partir do supereu dos pais.

No artigo *A dissecção da personalidade psíquica* (1987 [1932], v. XXII, p. 100), Freud procura mostrar, esquematicamente, as relações estabelecidas entre o eu, o isso e o supereu, na figura abaixo:



Figura 2 - Representação das relações estabelecidas entre o eu, o isso e o supereu¹².

Em *O ego e o id* (1987 [1923]), Freud continua desenvolvendo a hipótese do novo dualismo pulsional elaborada em *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]): pulsões de vida e pulsões de morte. Ele expõe a ideia de que o novo modelo pulsional serve de apoio para os futuros debates teóricos da psicanálise. Para Freud as pulsões de vida incluem não somente “[...] o instinto sexual desinibido propriamente dito e os impulsos instituais de natureza

¹¹ Na dissertação, é usada a tradução angústia e não ansiedade para a palavra alemã *angst*, segundo a sugestão dada por Laplanche e Pontalis no *Vocabulário da Psicanálise* (1987).

¹² Figura representada na Conferência XXXI: *A dissecção da personalidade psíquica* (FREUD, 1987 [1932], v. XXII, p. 100). Foram substituídas as expressões latinas id, ego e superego por suas correspondentes em português.

inibida quanto ao objetivo ou sublimada que dele derivam, mas também o instinto autopreservativo”(1987 [1923], v. XIX, p. 55). Ele assevera que as pulsões de vida são as de mais fácil acesso na investigação psicanalítica. Freud encontra no sadismo uma das manifestações da pulsão de morte.

Neste artigo, Freud assim estabelece a dinâmica deste novo modelo pulsional:

Com base em considerações teóricas, apoiadas pela biologia, apresentamos a hipótese de um instinto de morte, cuja tarefa é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado; por outro lado, imaginamos que Eros, por ocasionar uma combinação de consequências cada vez mais amplas das partículas em que a substância viva se acha dispersa, visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, naturalmente, a preservá-la (1987 [1923], v. XIX, p. 55-56).

Freud assevera que as pulsões de vida e as pulsões de morte são conservadoras. Ambas tentam restaurar uma situação que foi alterada pelo despertar da vida. O surgimento da vida ensejou dois movimentos: o do prolongamento da vida e o ânimo para seguir em direção à morte. Vê-se na formulação teórica de Freud certa oscilação quanto ao aspecto conservador ou não das pulsões sexuais ou pulsões de vida. Aqui, ele enfatiza seu aspecto conservador e no capítulo VI de *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]) nega-o.

A hipótese deste novo dualismo pulsional não esclarece a forma como as pulsões de vida e as pulsões de morte estão associadas. Mesmo não sabendo de que maneira se realizava a fusão entre as pulsões, Freud considerava que ela ocorria com regularidade. Ele sugere a possibilidade de que a organização de seres unicelulares em estruturas multicelulares permitia a neutralização das pulsões de morte da célula isolada. As pulsões de morte também têm os efeitos minimizados com seu desvio para o mundo externo. Neste caso, a pulsão de morte manifesta-se como uma pulsão destrutiva direcionada ao mundo externo e a outros seres.

É importante ressaltar que Freud, mesmo concedendo ênfase ao trabalho silencioso da pulsão de morte, no mundo externo, ela aparece como potência destrutiva. Ele dá outros nomes para a pulsão de morte, além deste, em *O problema econômico do masoquismo* (1987 [1924]): pulsão de domínio e vontade de poder.

Freud, reconhecendo como legítima a fusão pulsional, concebeu a ideia de que a des fusão, mais ou menos completa, era algo que também se instituía necessariamente. Ele oferece o componente sádico da pulsão sexual como modelo da fusão pulsional. Este componente sádico manifesta-se no impulso à dominação do objeto da pulsão. O sadismo pode manifestar-se destacado das pulsões sexuais, como é o caso do sadismo enquanto perversão. Apresenta-se, nesta situação, um exemplo de des fusão pulsional. Deve-se dar relevo ao fato de que mesmo aí, não há uma des fusão absoluta. Freud percebeu que a pulsão de morte era frequentemente descarregada em associação e a serviço da pulsão de vida.

A hipótese da fusão e des fusão pulsional permitiu esclarecer fatos que até então não possuíam explicação na clínica. Freud reconhecia nos casos de neuroses graves, como as neuroses obsessivas, a presença acentuada da des fusão pulsional ou a livre ação interna das pulsões de morte. Ele se questiona se a ambivalência tão comum “[...] na disposição constitucional à neurose” (FREUD, 1987 [1923], p. 57) não seria uma consequência de uma des fusão ou de uma fusão que não se realizou integralmente. Freud percebe na regressão outra situação na qual a des fusão pode agir:

Fazendo uma generalização rápida, poderíamos conjecturar que a essência de uma regressão da libido (da fase genital para a anal-sádica, por exemplo) reside numa des fusão de instintos, tal como, inversamente, o avanço de uma fase anterior para a genital definitiva estaria condicionado a um acréscimo de componentes eróticos (1987 [1923], p. 57).

Novamente, aqui, como também em *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]), Freud questiona-se acerca da validade do novo dualismo pulsional. Ele sinaliza a possibilidade de encontrar fatos, na clínica, que se contraponham à hipótese das pulsões de vida e de morte, ocasionando, por consequência, a renúncia à segunda teoria pulsional. Freud oscila, então, entre a legitimidade e a abjuração do segundo dualismo pulsional. Mesmo diante desta oscilação teórica, ele não renuncia à hipótese do segundo dualismo pulsional.

Em *O ego e o id* (1987 [1923]), Freud retorna ao princípio de constância de Fechner que havia sido comentado em *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]) e, desta vez, o aproxima de um movimento de redução das tensões psíquicas em direção à morte e contrapõe-lhe a Eros:

Se é verdade que o princípio de constância de Fechner governa a vida, que assim consiste numa descida contínua em direção à morte, são as reivindicações de Eros, dos instintos sexuais, que, sob a forma de

necessidades instintuais, mantém o nível que tende a baixar e introduzem novas tensões (1987 [1923], v. XIX, p. 62).

No texto *O problema econômico do masoquismo* (1987 [1924]), Freud considera misteriosa a possibilidade da existência de uma disposição masoquista na vida pulsional. Para ele, esta hipótese parece problemática, haja vista que os processos psíquicos perseguem outras metas: a conquista do prazer ou a fuga do desprazer. Se a vida pulsional manifestasse a inclinação para o sofrimento, este fato poderia entorpecer o princípio de prazer que, segundo Freud, “[...] é como se o vigia de nossa vida mental fosse colocado fora de ação por uma droga” (FREUD, 1987 [1924], v. XIX, p. 199).

Freud adota como lei do funcionamento psíquico uma espécie de função particular “[...] da ‘tendência no sentido da estabilidade’, de Fechner” (1987 [1924], v. XIX, p. 199). Isto implica que os processos mentais buscam reduzir a zero ou a um mínimo possível as excitações que atingem o aparelho psíquico.

No texto *O problema econômico do masoquismo* (1987 [1924]), a relação entre o princípio de Nirvana e o segundo dualismo pulsional é assim definida:

[...] o princípio de Nirvana (e o princípio de prazer, que lhe é supostamente idêntico) estaria inteiramente a serviço dos instintos de morte, cujo objetivo é conduzir a inquietação da vida para a estabilidade do estado inorgânico, e teria a função de fornecer advertências contra as exigências dos instintos de vida – a libido – que tentam perturbar o curso pretendido da vida (FREUD, 1987 [1924], v. XIX, p. 200).

A associação do prazer com a redução da estimulação psíquica, e o desprazer com a sua elevação nem sempre coincidem. Existem tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos. A excitação sexual é um exemplo em que a elevação do nível de tensão é acompanhada pelo prazer. Freud assegura que há outros. Apesar desta ressalva, o binômio prazer-desprazer continua intimamente ligado ao fator quantitativo.

Freud faz uma advertência, apresentando a série prazer-desprazer como não dependendo diretamente do fator quantitativo, mas de um determinado atributo dele que é de natureza qualitativa. Considera que estaria mais avançado em psicologia caso conseguisse esclarecer este predicado qualitativo. Sugere algumas possibilidades para o atributo qualitativo: “[...] talvez seja o ritmo, a sequência temporal de mudanças, elevações e quedas

na quantidade de estímulos” (FREUD, 1987 [1924], v. XIX, p. 200). Conclui que não sabe o que é o atributo qualitativo do fator quantitativo, apesar da hipótese suscitada.

No artigo *O problema econômico do masoquismo* (1987 [1924]), Freud apresenta a origem do princípio de prazer a partir de uma modificação operada sobre o princípio de Nirvana. Para ele, é fácil saber que o responsável por esta transformação só pode ser a pulsão de vida, pois esta tomou para si uma parte do comando, juntamente com as pulsões de morte, dos processos de regulação da vida.

O princípio de prazer expressa as aspirações das pulsões de vida e o princípio de Nirvana proclama as exigências das pulsões de morte. O princípio de realidade é a alteração por que passa o princípio de prazer, em decorrência das reivindicações do mundo externo. Os princípios de Nirvana, de prazer e o de realidade não são excludentes entre si. Eles operam conjuntamente, embora suas exigências possam entrar em conflito.

Neste escrito, Freud retoma o que já havia desenvolvido em *O ego e o id* (1987 [1923]), ou seja, a necessidade que o organismo vivo tem de neutralizar a ação destruidora da pulsão de morte. Sua atuação conduz o ser vivo a “[...] um estado de estabilidade inorgânica (por mais relativa que possa ser)” (FREUD, 1987 [1924], v. XIX, p. 204). Vê-se aqui a atuação indispensável da libido na neutralização da pulsão de morte. A libido realiza esta ação, deslocando, em grande parte, a pulsão de morte para os objetos do meio externo.

Freud chama a pulsão de morte de “[...] instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder” (1987 [1924], v. XIX, p. 204). A pulsão de morte pode, também, colocar-se a serviço da sexualidade, na qual desempenha uma significativa função. Uma parte da pulsão de morte não é transposta para o meio externo, e permanece presa no interior do organismo. Nesta parte da pulsão de morte, que permanece presa no interior do organismo, pode-se identificar a origem do masoquismo erógeno.

As pulsões de vida e as pulsões de morte jamais se exprimem em estados puros. Apresentam-se sempre amalgamadas em proporções diferentes. Este posicionamento freudiano promove diretamente um questionamento acerca da desfusão pulsional, já que as pulsões não se manifestam isoladamente. Paradoxalmente, Freud volta a defender a desfusão pulsional em decorrência de alguma influência específica.

No texto *O problema econômico do masoquismo* (1987 [1924]), Freud estabelece uma relação originária entre o sadismo primário, o masoquismo e a pulsão de morte, modificando a hipótese defendida em *Os instintos e suas vicissitudes* (1987 [1915]), em que o masoquismo era uma manifestação secundária em relação ao sadismo:

Estando-se preparado para desprezar uma pequena falta de exatidão, pode-se dizer que o instinto de morte operante no organismo – sadismo primário - é idêntico ao masoquismo. Após sua parte principal ter sido transposta para fora, para os objetos, dentro resta como um resíduo seu o masoquismo erógeno propriamente dito que, por um lado, se tornou componente da libido e, por outro, ainda tem o eu (self) como seu objeto (1987 [1924], v. XIX, p. 205).

A pulsão de morte direcionada para fora pode ter, novamente, sua ação voltada não mais para os objetos do mundo externo, e sim para dentro, tomando o eu como objeto. Esta ocorrência provoca o aparecimento de um masoquismo secundário, que se adiciona ao masoquismo original.

No artigo *O mal-estar na civilização* (1987 [1929]), Freud também analisa minuciosamente a pulsão de morte. Esse escrito apresenta as relações complexas e antagônicas que se estabelecem entre a dinâmica pulsional e as restrições impostas à sexualidade e à agressividade pela civilização.

O capítulo II de *O mal-estar na civilização* (1987 [1929]) expressa, por um lado, a relação entre a felicidade e a satisfação pulsional, e, por outro, o intenso sofrimento ocasionado quando a civilização insiste em não conceder as satisfações das necessidades humanas. Freud aduz a felicidade como episódica e parcial e associada à satisfação pulsional. Por outro lado, ele adverte que a exigência da satisfação pulsional, regida pelo princípio de prazer, na civilização, é postergada pelo princípio de realidade.

Freud se mostra esperançoso de que o domínio exercido sobre a dinâmica pulsional permita, por um lado, o adiamento, e não renúncia, da satisfação pulsional, e, por outro, a minimização do sofrimento humano relativo à restrição pulsional imposta pela civilização.

Freud questiona-se sobre o que os homens demandam da vida e o que buscam nela efetivar. Para ele, não há dúvida, almejam a felicidade e nela conservar-se. Para Freud, esta

meta implica: a busca de prazer, meta positiva; e a fuga ao desprazer, ou do sofrimento, meta negativa. Apesar deste duplo movimento, a felicidade está ligada intrinsecamente apenas à busca de prazer. Em seu sentido mais restrito, a felicidade está relacionada à satisfação episódica de necessidades altamente represadas. O prolongamento de uma situação desejada pelo princípio do prazer só produz uma sensação muito leve de satisfação. Freud aborda a infelicidade e suas origens:

[...] a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens (1987 [1929], v. XXI, p. 95)

Neste artigo, Freud destaca a ideia de que possivelmente a maior fonte de sofrimento do homem na civilização decorra do convívio com outros homens. Este sofrimento resultante da convivência humana pode levar o homem a se proteger com o isolamento voluntário. Ele adverte para o fato de que este não é o melhor caminho, pois é buscar a felicidade na quietude. O melhor caminho está em assumir-se como partícipe da comunidade humana e em continuar tentando submeter a natureza ao seu desejo. Vê-se que Freud sai na defesa da presença e da ação do homem na civilização, mesmo ao custo de seu mal-estar.

A ação de todas essas fontes de sofrimentos sobre o homem incita neste a menor exigência por felicidade, tal como o princípio de prazer, por pressão do mundo externo, se modifica em princípio da realidade. Para Freud, isto pode levar o homem a crer que é feliz apenas por subtrair-se à infelicidade ou ao sofrimento.

Outro fator que dificulta a presença do homem na civilização decorre de sua poderosa quota de agressividade oriunda de sua pulsão de morte, que está sempre disponível à provocação e à manifestação. Em virtude disto, o outro é considerado não somente como um possível ajudante, um objeto sexual, mas também aquele que poderá servir de alvo de agressividade e exposição às situações de expropriação de sua capacidade de trabalho, de humilhação, tortura, sofrimento e morte.

A inclinação do homem à agressão põe em risco a existência da civilização. Esta, por suas leis e regulamentos, está sempre regulando, limitando e tentando manter sob controle

as manifestações da agressividade humana. Vê-se que a civilização, não somente, impõe limites às exigências da sexualidade, como também às reivindicações da agressividade humana.

Freud considera a inclinação para agressão no homem o maior obstáculo à civilização. Os limites impostos pela civilização também comparecem internamente no homem mediante forças mentais que restringem a manifestação de seus impulsos agressivos. Ele, no entanto, enfatiza que não é fácil ao homem renunciar a esta tendência.

No capítulo VI do texto *O mal-estar na civilização* (1987 [1929]), Freud defende a noção de que a civilização está a serviço de *Eros*:

[...] Posso agora acrescentar que a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade. Porque isso tem de acontecer, não sabemos; o trabalho de Eros é precisamente este (1987 [1929], v. 144-145).

A civilização, tal como a pulsão de vida, tem como propósito formar e manter unidades cada vez maiores: indivíduos, famílias, raças, povos e nações.

Em *O mal-estar na civilização* (1987 [1929]), reafirma-se a hipótese da pulsão de morte como um construto necessário à psicanálise:

A afirmação da existência de um instinto de morte ou de destruição deparou-se com resistências, inclusive em círculos analíticos; [...] a princípio, foi apenas experimentalmente que apresentei as opiniões aqui desenvolvidas, mas, com o decorrer do tempo, elas conseguiram tal poder sobre mim, que não posso mais pensar de outra maneira (FREUD, 1987 [1929], v. XXI, p. 142).

A agressividade, tomada por Freud como pulsão agressiva, é apresentada como o derivado e o principal representante da pulsão de morte. Para ele, as pulsões de vida e de morte são as responsáveis pelo domínio do mundo. Freud crê ter desvendado o sentido do desenvolvimento da civilização. A evolução da civilização reproduz a batalha entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, tal como comparece na ação empreendida pela espécie humana na vida. Para Freud, esta é uma “[...] batalha de gigantes que nossas babás tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o Céu” (FREUD, 1987 [1929], v. XXI, p. 145).

O *Esboço de psicanálise* (1987 [1938]), mais especificamente, o capítulo II, *A teoria dos instintos*, é um texto curto, de apenas quatro páginas, e não apresenta grandes

novidades à constituição da teoria pulsional. É uma confirmação do desenvolvimento realizado em *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]), *O eu e o id* (1987 [1923]), *O problema econômico do masoquismo* (1987 [1923]) e *O mal-estar na civilização* (1987 [1929]). Mesmo correndo, contudo, o risco de repetição, serão expostas as suas principais ideias.

No capítulo II, do *Esboço de psicanálise* (1987 [1938]), Freud ressalta que o poder do isso, ou seja, do pulsional, revela o autêntico projeto da vida do organismo vivo. Ele salienta que são tarefas do eu: o trabalho de conservar-se vivo, defender-se dos perigos e descobrir a melhor forma de encontrar satisfação com um menor risco, tendo em consideração o mundo externo. A principal função do supereu é pôr limites à satisfação.

Enfatiza-se a exigência que as pulsões fazem à mente. Colocam-nas como a soberana causa de toda atividade. Realça-se o caráter conservador das pulsões, mais especificamente, das pulsões de morte. Freud afirma, depois de muitas dúvidas e oscilações, a existência de duas pulsões, *Eros* e pulsão destrutiva, pulsão de vida e pulsão de morte.

No *Esboço de psicanálise* (1987 [1938]), Freud reafirma os objetivos da pulsão de vida e da pulsão de morte:

O objetivo do primeiro desses instintos básicos é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las – em resumo, unir; o objetivo do segundo, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas. No caso do instinto destrutivo, podemos supor que seu objetivo final é levar o que é vivo a um estado inorgânico. Por essa razão, chamamo-lo também de instinto de morte (1987 [1938], v. XXIII, p. 173-174).

Ressalta as consequências da proporção entre a pulsão de vida e a pulsão de morte na fusão pulsional. Os exemplos dados são o do criminoso sexual, no qual predomina o excesso da agressividade sexual, e o do inibido ou impotente, em que ocorre uma acentuada diminuição da agressividade.

A libido é a energia da pulsão de vida e Freud não consegue encontrar um termo equivalente a este para a energia da pulsão de morte. Para ele, é mais simples seguir os destinos da libido do que as vicissitudes da pulsão de morte.

A pulsão de morte, quando age internamente, tem ação silenciosa. Esta pulsão só se faz notar quando deslocada para o mundo externo, como pulsão de destruição. Este desvio é necessário à preservação do indivíduo. A presença do supereu permite que grande parte da agressividade se estabeleça no eu e tenha uma ação autodestrutiva.

Resumindo, pode-se afirmar que Freud, em seu segundo dualismo pulsional, apresenta a vida psíquica regulada por duas tendências, uma que tenta preservar a vida e mantê-la num determinado nível tensional, a pulsão de vida, e outra que busca abolir a vida ou reduzir as tensões a zero, a pulsão de morte.

3 A TEORIA LACANIANA DAS PULSÕES

3.1 A ênfase no imaginário e a teoria das pulsões

A primeira vez que Lacan fala do estágio do espelho é em 1936, no Congresso Internacional de psicanálise, realizado em Marienbad. A expressão estágio do espelho tem sua origem nos estudos apresentados por Henri Wallon, no seu texto *Como se desenvolve na criança a noção de corpo próprio*, publicado na França em 1931. Este escrito trata do desenvolvimento da criança em relação à noção de corpo próprio, ou seja, como a criança vai conseguindo progressivamente marcar a distinção entre seu corpo e a imagem refletida no espelho. Ela consegue tal feito a partir de uma compreensão simbólica do seu espaço imaginário que constitui sua unidade corporal.

O texto *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1998 [1949]) mostra que a libido se encontra, inicialmente, retida no imaginário. Lacan discorre sobre o efeito cativante que tem para o bebê, a partir dos seis meses, do reconhecimento de sua imagem no espelho e do seu aspecto estruturador psíquico. Isto acontece em um período que para Lacan é caracterizado por uma prematuração do bebê. O estágio do espelho estabelece um vínculo estreito com o narcisismo primário, a formação do eu, as identificações secundárias e o corpo como essencialmente imaginário.

O estágio do espelho permite uma antecipação de um corpo fragmentado a uma forma de totalidade. A função estruturante da imagem no estágio do espelho dá lugar a um certo apaziguamento da desordem inicial do corpo fragmentado. O destino do homem é, então, assinalado, inicialmente, pela identificação imaginária e alienante com o outro.

Lacan apresenta o estágio do espelho como um caso particular da função da imago:

A função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade – ou, como se costuma dizer, do Innenwelt com o Umwelt (1998 [1949], p. 100).

O estágio do espelho deve ser visto como uma identificação em seu sentido pleno, em outras palavras, o efeito transformador que tem para o bebê quando este assume uma imagem. Essa identificação é marcada pela assunção jubilatória. Para que isto se realize, é necessário o reconhecimento desta imagem pelo outro.

É importante ressaltar que Lacan estabelece uma relação estreita entre identificação e a transformação psíquica causada no sujeito. O estágio do espelho compreende a matriz simbólica em que o eu, em sua forma primitiva, precipita-se antes mesmo que possa se objetivar em sua identificação com o outro, e antes que a linguagem lhe restitua seu lugar de sujeito. O estágio do espelho constitui a matriz do vínculo do sujeito com o outro e com o mundo. Nesta matriz, a visão é estruturante.

Essa imagem com a qual a criança se identifica poderia ser nomeada seu eu-ideal, servindo de suporte para as identificações secundárias. Tais identificações efetuam-se, necessariamente, através da participação do outro, trazendo para a estruturação psíquica a normalização libidinal.

Neste período da elaboração teórica lacaniana, encontra-se a inércia e a servidão psíquicas concentradas no eixo imaginário:

Assim se compreende a inércia própria das formações do [eu], onde podemos ver a definição mais abrangente da neurose: ver como a captação do sujeito pela situação dá a fórmula geral da loucura, tanto da que jaz entre os muros dos hospícios quanto da que ensurdece a terra com seu barulho e seu furor. (...) Nesse ponto de junção da natureza com a cultura, que a antropologia de nossa época perscruta obstinadamente, apenas a psicanálise reconhece esse nó de servidão imaginária que o amor sempre tem que desfazer ou deslindar (1998 [1949], p. 103).

Vê-se, neste texto, a libido, participando da constituição psíquica do eu. Os estudos de Lacan, em 1949, estão vinculados à lógica do estágio do espelho, ou seja, estão presos a uma lógica que situa a libido no plano do narcisismo. Uma libido que está a circular do eu para os objetos e destes ao eu.

Lacan fazia da identificação primordial do sujeito com sua imagem uma ação que comporta um dinamismo afetivo e uma vinculação verdadeiramente erótica. Isto implica relacionar o narcisismo do estágio do espelho, não somente, à identificação primordial com a imagem corporal, mas também com a satisfação pulsional.

A libido, no estágio do espelho, não está voltada para o parcelar, o corpo fragmentado da não-coordenação motora do bebê, mas sim, para a imagem global. Sua atenção volta-se para a imagem global, pois é aí que se fixa a libido.

3.2 A ênfase no simbólico e a teoria das pulsões

O texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1998 [1953]), marca um momento muito importante para a psicanálise, visto que este escrito retoma a teoria psicanalítica a partir da fala, ou seja, o ponto crucial da teoria psicanalítica de Freud. Neste artigo, Lacan elabora com maior precisão o simbólico na psicanálise e dá destaque aos poderes da palavra. Outro elemento importante para o estudo deste escrito é o fato de que, embora, a teoria pulsional em Lacan, ainda se concentre no eixo imaginário, narcísico, vê-se a abertura que se apresenta para que, posteriormente, ele possa estabelecer a teoria pulsional no eixo simbólico. Mesmo que este escrito abra o caminho para o estudo das pulsões a partir do simbólico, no entanto, não apresenta grandes reflexões acerca do tema investigado.

O pulsional também é exposto, mesmo que de forma indireta, como aquilo que está sob a ação do recalque. O que vai ser destacado neste artigo não é a exigência de satisfação da pulsão que está sob o efeito do recalque, mas que a escuta analítica visa liberar o significado recalcado, a simbolização da verdade do sintoma.

Neste escrito, Lacan aproxima-se de contribuições de sua época como a lingüística de Saussure e a antropologia estrutural de Lévi-Strauss e também retorna aos textos freudianos. Lacan defende a idéia de que a obra freudiana só pode ser legitimamente compreendida se tiver como eixos a fala e a linguagem.

No texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1998 [1953]), Lacan enfatiza a importância da linguagem e da fala para a compreensão dos conceitos e da técnica psicanalíticos:

Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala (1998 [1953], p.247).

Este escrito realça a importância da fala na constituição do sujeito. Vê-se neste escrito uma referência aos desvios que a psicanálise vinha sofrendo. Este fato talvez explique um dos motivos pelos quais Lacan insistia tanto na leitura dos textos freudianos, como uma forma de apontar os desvios que a psicanálise vinha sofrendo, inclusive, na França. Um exemplo deste desvio pode ser visto em um trecho da proposta de formação de analistas do Instituto da Sociedade Francesa de psicanálise e que Lacan apresenta no prefácio de *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1998 [1953], p.238):

Em particular, não convém esquecer que a separação entre embriologia, anatomia, fisiologia, psicologia, sociologia e clínica não existe na natureza, e que existe apenas uma disciplina: a neurobiologia, à qual a observação nos obriga a acrescentar o epíteto humano, no que nos concerne.

No primeiro tópico deste artigo, *Fala vazia e fala plena na realização psicanalítica do sujeito*, vê-se Lacan discorrendo sobre algo que pode parecer óbvio, mas que se trata do cerne da prática psicanalítica, ou seja, a função e o campo da fala do analisante: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente. A evidência desse fato não justifica que se o negligencie. Ora toda a fala pede uma resposta” (1998 [1953], p. 248).

A fala vazia traz a queixa sintomática num eixo imaginário, ou melhor, distante da verdade do desejo; a fala plena, a aproximação com esta, no simbólico. Inicialmente, é através da fala vazia que o sujeito mantém contato com o sofrimento de seu sintoma e é por meio do sujeito em análise que a fala pode alcançar, posteriormente, a fala plena.

A fala plena possibilita o aparecimento da verdade do sintoma na fala do sujeito e não através do sintoma. O sintoma cede diante da fala plena. A fala plena supõe a existência de um significado verdadeiro para o significante.

Lacan, posteriormente, toma o significante como o que representa um sujeito para outro significante. O significado, também como resultado desta operação significante, está sob a barra resistente à significação, e, como tal, inapreensível. Ele, desta forma, denuncia a fala plena como impossível. O desejo constitui outro nome para a impossibilidade da fala plena. Lacan fala da falta de um significante no campo do Outro, $S(\square)$, a impossibilidade de uma significação absoluta, que o Outro é carente de tal significação. A verdade presente na fala nunca se dá por inteira.

A fala plena é um retorno que Lacan faz aos primeiros textos de Freud, aqueles que marcam a busca da verdade oculta no sintoma. Até mesmo Freud, no escrito *Análise terminável e interminável* (1987 [1937]), confronta-se com os limites e as impossibilidades desta procura. O contexto da fala plena encontra-se em uma clínica que tem destaque no simbólico.

Ainda neste primeiro tópico, Lacan dá uma definição muito conhecida do inconsciente, aquela que o coloca como um capítulo censurado, marcado por um branco ou ocupado por uma mentira:

O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar (1998 [1953], p.260).

Na relação estabelecida entre fala vazia e fala plena privilegia-se o campo do sentido e não o da satisfação pulsional ou de gozo. Lacan abandona este modelo da fala plena no artigo *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]), no qual o matema $S(\square)$ denuncia a impossibilidade estrutural de atingi-la, na medida em que ele representa a falta de saber no Outro, ou seja, a fala implica um semi-dizer.

Lacan situa a fala como um dom da linguagem, aproximando-a de uma sutil materialidade corporal. Com esta articulação, permite-se que a linguagem, ou melhor, o simbólico, possa relacionar-se não somente com o imaginário, mas também com o libidinal presente no imaginário corporal. Aqui, antecipa-se o que será visto posteriormente em sua teoria: as pulsões na articulação significante.

Em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1998 [1953]), Lacan estabelece relações entre a linguagem, a fala, o corpo e a imagem corporal:

A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito; podem engravidar a histérica, identificar-se com o objeto do Penis-neid, representar a torrente de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo avarento (Ibid., 1998 [1953], p.302).

É importante ressaltar que neste texto, de 1953, Lacan já estabelece a relação entre corpo e linguagem, que a linguagem é corpo, ou seja, que ela pode ser retomada nas imagens

corporais. A relação entre a linguagem e a corporalidade pode ser referida como um dos aspectos importantes deste escrito.

Mesmo sabendo da importância que tem para a psicanálise o texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1998 [1953]), no entanto, no que diz respeito à teoria pulsional, não proporcionou grandes avanços. É como se Lacan empurrasse a libido ou a pulsão para fora do campo da linguagem, deixando-a restrita ao eixo imaginário.

3.2.1 O grafo do desejo e a fórmula da pulsão

O grafo do desejo foi elaborado no seminário *As formações do inconsciente* (1957) e reproduzido no escrito *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]). Este grafo é muito importante para esta investigação, pois nele Lacan apresenta uma fórmula para a pulsão: $\$ \leftrightarrow D$. A construção dos quatro patamares do grafo apresenta a constituição do sujeito e de seu desejo. Antes de discutir a fórmula da pulsão ($\$ \leftrightarrow D$), realizar-se-á um breve relato dos quatro patamares do grafo, para que se compreenda a ligação que a pulsão mantém com o sujeito e seu desejo.

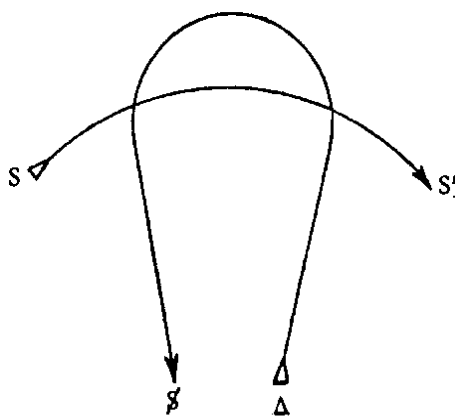


Figura 3 – Grafo I¹³

No grafo I, Lacan parte do cruzamento entre os vetores da expressão das necessidades da criança, $\Delta \rightarrow \$$, e o da cadeia significativa ou discurso do Outro parental,

¹³ Figura presente no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960], p. 819).

Lacan afirma que o que é da ordem do humano passa, necessariamente, pela palavra e pela linguagem, ou seja, pela demanda. O significante da demanda barra a necessidade e origina a pulsão. O desejo funda-se nesta margem em que a demanda se separa da necessidade. Na relação estabelecida entre demanda e necessidade algo escapa: o desejo. O desejo é o que resulta do deslizamento metonímico do significante da demanda. A trilogia - necessidade, demanda e desejo - estabelece a pulsão na ordem simbólica.

O desejo do homem é marcado pela insciência, estabelecendo-se a partir do desejo do Outro. Pode-se, então, dizer que o desejo do homem é o desejo do Outro, ou seja, é como Outro que ele deseja. Lacan assim se expressa acerca da insciência do sujeito em relação ao seu desejo: “Pois aí se vê que a insciência que o homem tem de seu desejo é menos insciência daquilo que ele demanda – que, afinal, pode ser cingido – do que insciência a partir da qual ele deseja” (1998 [1960], p. 829). O Outro é o lugar a partir do qual o sujeito recebe sua própria mensagem de forma invertida. Para Lacan, o inconsciente é o discurso do Outro.

O eixo imaginário deste grafo $i(a) \rightarrow m$ é duplamente articulado entre o trajeto da identificação simbólica do sujeito, $\$^{16} \rightarrow I(A)^{17}$, e o da cadeia significante, $s(A) \rightarrow A$. Neste eixo imaginário, realiza-se o processo de formação do eu, que vai da imagem especular do eu ideal, $i(a)$, até a constituição do eu (m), tudo isto efetivado através do significante e do reconhecimento do Outro. Lacan diz que, na linha imaginária, $i(a) \rightarrow m$, observa-se desde o júbilo com a própria imagem até o “confronto com o semelhante, no escoadouro da mais íntima agressividade” (1998 [1960], p. 823).

¹⁶ O algoritmo $\$$ é o sujeito barrado, efeito da articulação significante.

¹⁷ O algoritmo $I(A)$ é o ideal do eu: a identificação simbólica que irá reger as identificações imaginárias.

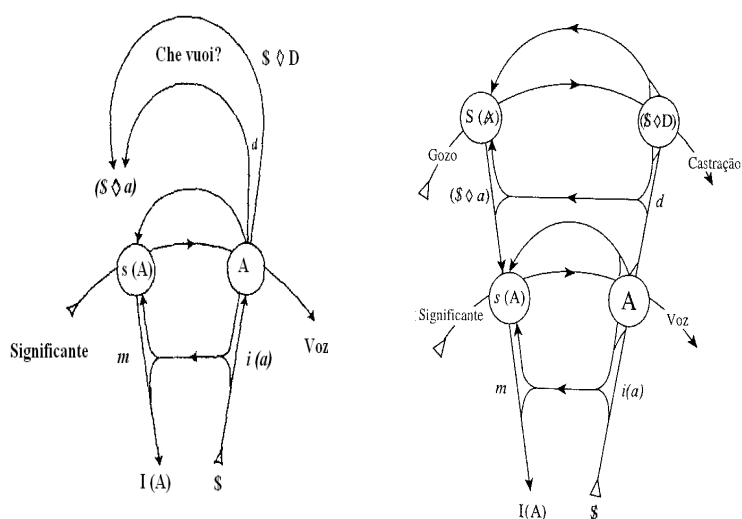


Figura 5 – Grafo III¹⁸ e o Grafo completo¹⁹

O grafo III e o grafo completo do desejo interessam mais diretamente à pesquisa, na medida em que apresentam a fórmula para a pulsão. Mas, antes de abordá-la, é indispensável que se discutam os dois últimos grafos, de modo a ter-se a idéia exata de qual é o lugar que a pulsão ocupa no grafo do desejo e seus vínculos com os demais elementos.

Lacan trabalha o grafo III com suporte na pergunta do Outro que retorna ao sujeito, como um “*Che vuoi?*”²⁰ – que quer você?”:

Eis porque a pergunta do Outro, que retorna para o sujeito do lugar de onde ele espera um oráculo, formulada como um “*Che vuoi?* – que quer você?”, é a que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo – caso ele se ponha, graças à habilidade de um parceiro chamado psicanalista, a retomá-la, mesmo sem saber disso muito bem, no sentido de um “Que quer ele de mim?” (LACAN, 1998 [1960], p. 829).

O sujeito espera do Outro um oráculo²¹, mas não é isto que retorna, e sim a questão “*Che vuoi?* – que quer você?”. Abre-se o espaço para a falta e para as questões do sujeito, ou melhor, para seu desejo.

¹⁸ Figura presente no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960], p. 829).

¹⁹ Figura presente no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960], p. 831).

²⁰ Lacan toma emprestado esta expressão do romance *O diabo enamorado*, de Cazote.

²¹ Segundo o Dicionário Aurélio: resposta de um deus a quem o consultava.

A pergunta do Outro, “*Che vuoi?*”, ao sujeito leva o grafo III à sua forma completa. Neste grafo completo têm-se, além dos já citados, os seguintes algoritmos²²: d , o desejo; $\$<>^{23}a$, a fantasia; $\$<>D$, a pulsão; e $\$(\square)$, o significante de uma falta no Outro.

Este grafo mostra que a fantasia, $\$<>a$, é, ao mesmo tempo, o suporte para o desejo, d , como também resposta ao desejo do Outro. Além disso, mantém vínculo com a falta de saber no campo significante, $S(\square)$, tentando tamponá-la, mesmo diante de sua impossibilidade. A fantasia aparece também determinando o sintoma, $s(A)$ ²⁴.

A cadeia significante inconsciente é o andar superior do grafo do desejo: $S(\square) \rightarrow \$<>D$. Este andar do grafo apresenta nas extremidades gozo e castração para destacar que a Lei se constitui sobre a interdição do gozo. Lacan expressa esta relação entre o gozo e a Lei no escrito *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]): “Aquilo a que é preciso nos atermos é que o gozo está vedado a quem fala como tal, ou ainda, que ele só pode ser dito nas entrelinhas por quem quer que seja sujeito da Lei, já que a lei se funda justamente nessa proibição” (LACAN, 1998 [1960], p. 836). Ele também afirma que o próprio desejo é uma defesa, pois implica em por limites ao gozo.

Neste grafo é enfatizada a dimensão simbólica do corpo, no entanto, este grafo contempla também a dimensão imaginária do corpo na linha da constituição do eu. Estas dimensões simbólicas e imaginárias do corpo não se excluem, mas, apresentam-se articuladas no grafo III e no grafo completo. A dimensão imaginária do corpo comparece no vetor $i(a) \rightarrow m$ e a dimensão simbólica na cadeia significante inconsciente, $S(\square) \rightarrow \$<>D$, e as duas distinguem-se do biológico do corpo. A lógica presente no grafo completo do desejo é que o sujeito só tem acesso ao corpo pela palavra, pelo significante, pelo Outro.

No artigo *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]), Lacan articula a pulsão com a demanda:

Mas se nosso grafo completo nos permite situar a pulsão como tesouro dos significantes, sua notação como $(\$<>a)$ ²⁵ mantém sua estrutura, ligando-a à

²² Para Lacan, os algoritmos ‘ são os índices de uma significação absoluta’ (1998 [1960], p. 830).

²³ Para Lacan, o algoritmo punção, $<>$, representa todas as operações lógicas possíveis, $\square$, $\square$, $<$, $>$, exceto a igualdade.

²⁴ O algoritmo $s(A)$ pode ser lido como a pontuação da cadeia significante, mensagem invertida desde o Outro ou como o sintoma.

²⁵ Refere-se a um erro de tradução para a fórmula da pulsão, pois no original, *Écrits* (1966), tem-se $\$<>D$, a fórmula para a pulsão. O algoritmo $\$<>a$ é o matema da fantasia.

diacronia. Ela é o que advém da demanda quando o sujeito aí desvanece. Que a demanda também desaparece é evidente, exceto que resta o corte, pois este continua presente no que distingue a pulsão da função orgânica que ela habita: ou seja, seu artifício gramatical, muito patente nas reversões de sua articulação com a fonte e com o objeto (Freud, quanto a isso, é inesgotável) (1998 [1960], p. 831-832).

Conclui-se do matema da pulsão ($\$ \leftrightarrow D$) a impossibilidade de uma base comum entre a pulsão e o instinto, a primeira apresenta-se como uma montagem, articulação do sujeito ao Outro, à linguagem, enquanto o segundo como um programa transmitido hereditariamente

A pulsão ($\$ \leftrightarrow D^{26}$) expressa as operações lógicas possíveis que o sujeito mantém com a demanda do Outro, porém, o próprio sujeito é também efeito desta operação significativa do Outro, da significação da demanda do Outro.

O grande Outro (A), o tesouro significativo comparece nesta cadeia em sua antecipação no corpo, nos lugares demarcados pelas bordas. Lacan estabelece no algoritmo da pulsão uma estreita relação entre o corpo pulsional e o simbólico.

A pulsão é o que sobrevém quando o sujeito desvanece frente à demanda do Outro. Lacan expressa por meio do grafo que a pulsão é o efeito do funcionamento significativo, ou seja, é o efeito da articulação na linguagem da demanda do Outro. Não existe pulsão sem demanda.

No texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]), Lacan diz que o Outro quando solicitado a responder de seu valor de tesouro dos significantes na cadeia inferior, a resposta virá através dos significantes da cadeia superior, ou melhor, em termos de pulsão:

Isso, na medida em que o Outro é solicitado (*Che vuoi*) a responder pelo valor desse tesouro, isto é, a responder, certamente, de seu lugar na cadeia inferior, mas nos significantes que constituem a cadeia superior, ou seja, em termos de pulsão (1998 [1960], p. 833).

Lacan traduz a pulsão freudiana em termos de demanda, na qual esta retoma o que é possível ser transposto do pulsional à fala. O algoritmo da pulsão ($\$ \leftrightarrow D$) demonstra que a

²⁶ O algoritmo D representa a demanda do Outro.

exigência da satisfação pulsional da criança, ou do sujeito tem que passar necessariamente pelos significantes do grande Outro parental, pelos significantes da demanda do Outro.

A pulsão neste grafo é elaborada tão-somente no plano do simbólico, pois tanto o sujeito barrado (\$) quanto a demanda do Outro (D) são elementos simbólicos. Não há o comparecimento do real na fórmula da pulsão.

Os elementos do grafo do desejo ou são elementos imaginários ou simbólicos. No grafo, o “a” que comparece na fórmula da fantasia ($\$ \langle \rangle a$), não é o objeto *a* real do seminário da Angústia (1962-1963), mas o objeto imaginário da fantasia. A partir deste seminário a fórmula da fantasia sofre uma radical transformação, mesmo que não a apresente em aparência, pois o “a” da fórmula representará, agora, a dimensão real do objeto, ausência de especularidade, puro furo. A fantasia, com base neste seminário, constitui um acesso ao “real”.

3.2.2 A sexualidade nos desfiles do significante²⁷ e a desmontagem da pulsão²⁸

No seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]), Lacan expõe as principais questões desenvolvidas em seu ensino, desde o artigo *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1998 [1949]) até *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]), articulando-as com os conceitos freudianos do inconsciente, repetição, transferência e pulsão.

Este seminário apresenta alguns questionamentos: o que seria a psicanálise, quais seus fundamentos, o que a fundaria como práxis, se a psicanálise seria uma ciência, qual seria o desejo do analista?

Neste seminário, Lacan evidencia: a) o inconsciente como estruturado como uma linguagem; b) a dimensão simbólica da sexualidade e do corpo pulsional; c) a pulsação temporal do inconsciente articulada com o pulsional, a transferência e a repetição; d) a abertura do inconsciente e a repetição simbólica no retorno dos significantes e seu mais além

²⁷ Título do capítulo XII do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1988 [1964]).

²⁸ Título do capítulo XIII do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1988 [1964]).

como encontro faltoso, inassimilável do real; e) o fechamento do inconsciente e a transferência e f) a pulsão e sua desmontagem. Este seminário se situa na fronteira entre o destaque que Lacan deu ao simbólico desde o escrito *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1998 [1953]) e a ênfase que dará ao real a partir do seminário *Mais, ainda* (1985 [1972-1973]).

O seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]) apresenta o sujeito do inconsciente como tropeço, falha, como efeito e descontinuidade na cadeia significante e a transferência como resistência. A transferência é posta como aquilo que vem interromper a comunicação inconsciente, ou seja, o fechamento do inconsciente ou estagnação da dialética simbólica.

Neste seminário, Lacan se questiona acerca do que promoveu o seu ensino relativo ao inconsciente:

[...] o que promoveu meu ensino no que concerne o inconsciente? O inconsciente, são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala, em consequência do que, o inconsciente é estruturado por uma linguagem. Aí está uma direção bem-feita para arrancar aparentemente qualquer apreensão do inconsciente de uma visada de realidade outra que não a da constituição do sujeito. E contudo, esse ensino teve, em sua visada, um fim que qualifiquei de transferencial (1988 [1964], p.142).

No capítulo *A sexualidade nos desfiles do significante* do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]) Lacan afirma que “a transferência é a atualização da realidade do inconsciente” (1988 [1964], p. 142) e que “a realidade do inconsciente é [...] a realidade sexual” (1988 [1964], p. 143). Asserções importantes na medida em que expõem os vínculos existentes entre a realidade inconsciente e a transferência com o sexual, ou melhor, com o pulsional. Ele destaca que Freud já havia dito isto com firmeza. Lacan aproxima a libido do desejo, assegurando que ela é a presença permanente deste.

No seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]), Lacan enfatiza a estrutura temporal de pulsação do inconsciente, abertura e fechamento. A primeira comparece na “insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer” (1988 [1964]) e o segundo pela transferência. Mais, radicalmente, a

estrutura temporal de pulsação do inconsciente está ligada à própria realidade sexual, o pulsional.

Neste seminário, Lacan questiona a relação entre a pulsão e o registro do orgânico:

Ora, o de que se trata, no que concerne à pulsão, será do registro do orgânico? Será que é assim que é preciso interpretar o que diz Freud num texto que faz parte de *Jenseits des Lustprinzips* – que a pulsão, o *Trieb*, representa *die Äuseserung der Trägheit*, alguma manifestação de inércia na vida orgânica? Será uma noção simples, que se completaria pela referência a um arrimo dessa inércia que seria a fixação, a *Fixierung*?

Não só eu não penso assim, mas penso que um exame sério da elaboração que Freud dá da noção de pulsão vai contra isto (1988 [1964], p.154).

Lacan afirma que é um erro realizar qualquer aproximação do conceito de pulsão ao registro do orgânico. Freud para dar prosseguimento à construção de sua teoria das pulsões utiliza dados da biologia e da fisiologia, no entanto, seu construto é de outra ordem, é uma desnaturalização em relação ao biológico, ao fisiológico e ao instinto.

Com o escrito *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]) e com o seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]), Lacan retira a teoria das pulsões do limbo teórico²⁹ em que se encontrava.

No Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]), Lacan exprime a pulsão no eixo simbólico:

É, a saber, que em relação à instância da sexualidade, todos os sujeitos estão em igualdade, desde a criança até o adulto – que eles só têm a ver com aquilo que, da sexualidade, passa para as redes da constituição subjetiva, para as redes do significante – que a sexualidade só se realiza pela operação das pulsões, no que elas são pulsões parciais, parciais em relação à finalidade biológica da sexualidade (1988 [1964], p.167).

Isto que Lacan aduz acerca da transposição da sexualidade para as redes dos significantes, já havia sido exposta no artigo *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]) por intermédio da fórmula da pulsão ($S \leftrightarrow D$). A sexualidade compareceria no inconsciente por meio da demanda do Outro, ou seja, mediante a combinatória dos significantes do Outro. A pulsão é a participação da sexualidade na vida psíquica e deve conformar-se à estrutura do inconsciente, ou seja, de hiância. Ele também

²⁹ Expressão utilizada por Rudge no livro *Pulsão e linguagem* (1998, p. 15).

destaca aí a separação que há entre o que é da ordem do pulsional e o que é da ordem da finalidade biológica.

Lacan, assim como Freud, estuda as pulsões através de seus quatro elementos: *drang*, o impulso; *quelle*, a fonte; *objekt*, o objeto; *ziel*, o alvo. Ele diz que vendo tal arranjo de seus elementos pode parecer uma disposição natural, mas é exatamente o contrário que irá demonstrar em sua exposição. A utilização da expressão montagem ou desmontagem da pulsão vem confirmar a ausência desta disposição nos quatro termos da pulsão.

A fonte ou zona dita erógena, inscreve-se na economia da pulsão com uma estrutura de borda, dela parte o circuito pulsional e para onde retorna. A satisfação pulsional mantém uma estreita relação com a zona erógena.

O impulso é associado à tendência à descarga e está vinculado à presença de estimulação, excitação. A excitação da pulsão é distinta de qualquer estimulação procedente do mundo externo, é uma excitação interna. Mas também não se refere a um estímulo interno como a fome ou a sede. Trata-se de estímulos internos relacionados com a sexualidade e cuja força é constante. A satisfação da pulsão não muda a natureza de sua força, esta continua constante. A pulsão é indestrutível e seu impulso está continuamente presente e demandando satisfação. Isto distinguiria a pulsão das funções biológicas, pois, estas possuem sempre um ritmo.

O alvo da pulsão é a satisfação. Um problema se apresenta aqui, na medida em que há um déficit de satisfação entre a satisfação buscada e a encontrada. Lacan não discute esta questão no texto, mas pode-se afirmar que é este déficit de satisfação que sustenta o desejo.

No capítulo da *Desmontagem da pulsão* do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]), Lacan assim se refere acerca da importância do objeto para a satisfação pulsional:

[...] A pulsão apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz. [...]
É isto que nos diz Freud. Peguem o texto – *Para o que é do objeto da pulsão, que se saiba que ele não tem, falando propriamente, nenhuma importância. Ele é totalmente indiferente.* [...]

[...] seu lugar na satisfação da pulsão. A melhor fórmula nos parece ser esta – que a pulsão o contorna (1988 [1964], p. 159-160)

Não há objeto específico para a pulsão, o que é determinante para a pulsão é alcançar a satisfação, o seu alvo. Lacan diz que o objeto é somente o comparecimento de um cavo, de um vazio ou de um objeto perdido.

No capítulo *A pulsão parcial e seu circuito* do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]), Lacan dá destaque ao aspecto econômico da pulsão por meio das seguintes passagens: “as pulsões, em sua estrutura, na tensão que elas estabelecem, estão ligadas a um fator econômico” (1988 [1964], p. 166) e “devemos considerar a pulsão sob a rubrica da *konstante Kraft* que a sustenta como uma tensão estacionária” (1988 [1964], p. 171).

No seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964], p. 169), Lacan apresenta um quadro representativo das relações existentes entre a fonte, o trajeto, o objeto e a meta no circuito da pulsão:

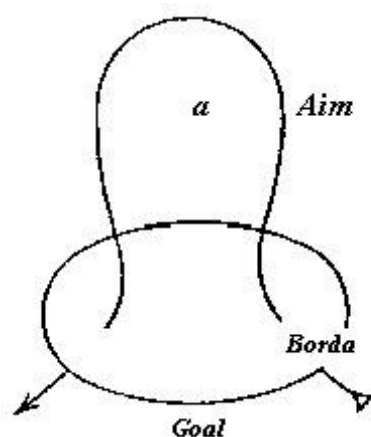


Figura 6 – Representação do circuito pulsional, em Lacan³⁰.

O impulso da pulsão partiria da fonte, contornaria o objeto, fazendo seu retorno sobre a zona erógena. A relação que a pulsão irá manter com seu objeto não será de apreensão, mas de contorno. Para Lacan, a pulsão pode alcançar a satisfação mesmo não atingindo o objeto. Ele vê a possibilidade de considerar o alvo pelos dois sentidos que ele

³⁰ Esquema proposto por Lacan no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964], p. 169).

pode apresentar. Lacan escolhe uma língua no qual estes dois sentidos são particularmente expressivos, o inglês. Ele expõe estes dois sentidos pelas palavras inglesas *aim* e *goal*. A palavra *aim* representa o trajeto ou o percurso realizado pela pulsão para alcançar a satisfação e *goal* significa que “o alvo, não é a ave que vocês abatem, é ter acertado o tiro e, assim, atingido o alvo de vocês” (1988 [1964], p. 170). Para Lacan o alvo da pulsão parcial “não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (1988 [1964], p. 170).

Lacan diz que a atividade da pulsão se concentra no “se fazer”, que é também sua fórmula emblemática. Isto expressa que algo é feito para o sujeito, ou seja, o sujeito depende do Outro, da demanda do Outro. É a utilização da demanda do Outro para se alcançar a satisfação. O “se fazer” é um modo de articular a satisfação sexual com a demanda do Outro.

A passagem da pulsão oral à pulsão anal, ou da anal à fálica, não é resultado de um processo de maturação, mas deve-se à ação da demanda do Outro. Lacan afasta qualquer possibilidade de aproximação entre a dinâmica pulsional e o processo de maturação fisiológica do organismo.

Lacan aproxima a dinâmica pulsional ao modo de ação de um sujeito acéfalo, e volta a dar relevo ao aspecto econômico da pulsão, com suporte na tensão: “esta articulação nos leva a fazer da manifestação da pulsão, o modo de um sujeito acéfalo, pois tudo aí se articula em termos de tensão, e não tem relação ao sujeito senão de comunidade topológica”(1988 [1964], p. 171).

No capítulo do *Amor à libido* do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]), Lacan expõe, através da figura abaixo, os vínculos estabelecidos entre o sujeito do significante e o inconsciente (campo do Outro):

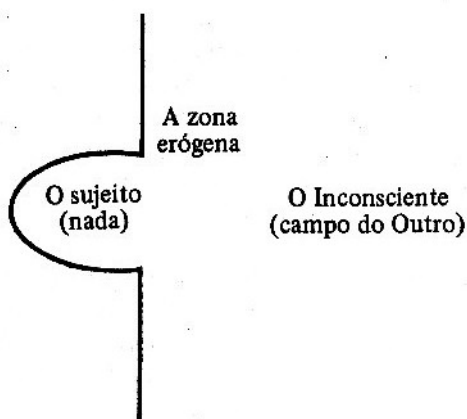


Figura 7 – Os vínculos estabelecidos entre o campo do Outro e o sujeito.

Na figura acima, Lacan apresenta a constituição do sujeito a partir do campo do Outro, que o antecede. Este sujeito, que se manifesta e se oculta na pulsação temporal inconsciente, expõe-se na sua falta-a-ser (nada) e não no ser, o gozo. Ele diz que o sujeito é dividido não somente pelo significante do Outro, mas, também, pela pulsão. Lacan diz que “o sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante. Mas por este fato mesmo, isto – que antes não era nada senão sujeito por vir – se coagula em significante” (1988 [1964], p. 187). O significante é, para ele, o que representa um sujeito para outro significante. O Outro é o lugar do tesouro dos significantes e de onde se comanda tudo o que diz respeito ao sujeito, o lugar prévio do sujeito. No inconsciente, este sujeito não pode ser situado como macho ou fêmea, o seu lugar sexual vai depender de seu posicionamento em relação ao significante do falo.

No seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]), Lacan situa a libido como um órgão-parte do organismo e órgão instrumento:

[...] a libido não é algo de fugaz, de fluido, ela não se reparte, nem se acumula, como um magnetismo, nos centros de focalização que lhe oferece o sujeito, a libido deve ser concebida como um órgão, nos dois sentidos do termo, órgão-parte do organismo e órgão instrumento (1988 [1964], p. 177). É a libido, enquanto puro instinto de vida, quer dizer, de vida imortal, de vida irrepreensível, de vida que não precisa, ela de nenhum órgão, de vida simplificada e indestrutível. É o que é justamente subtraído ao ser vivo pelo fato de ele ser submetido ao ciclo da reprodução sexuada (1988 [1964], p. 186).

Para Lacan, a libido, diferente da vida biológica, que tem início e fim, “é a representação da vida como indestrutível”³¹. Este lado indefectível da vida decorre de que o sexual na vida psíquica está livre dos ciclos da reprodução sexual. A libido é o que diferencia a sexualidade humana destes ciclos reprodutivos biológicos. Esta leitura da libido freudiana é consequência da retomada por Lacan da sexualidade, do corpo e da pulsão a partir do simbólico, da demanda do Outro, dos significantes do Outro. Ele realiza, no artigo *Posição do Inconsciente* (1960), a aproximação da libido ao conceito de pulsão de morte:

O sujeito falante tem o privilégio de revelar o sentimento mortífero desse órgão e, através disso, sua relação com a sexualidade. Isso porque o significante como tal, barrando por intenção primeira o sujeito, nele fez penetrar o sentido da morte. (A letra mata, mas ficamos sabendo disso pela própria letra.) Por isso é que toda pulsão é virtualmente pulsão de morte (1998, [1960], p. 862-863).

A afirmação de Lacan, de “que toda pulsão é virtualmente pulsão de morte”, acaba enfatizando a pulsão como pulsão de morte. Lacan (1988 [1964], p. 243) justifica este posicionamento assegurando que as pulsões sexuais, ao se articular com o significante no inconsciente o que elas fazem surgir, é a morte, ou seja, a pulsão de morte. Para ele, a ordem simbólica é estruturada pelo significante, e este implica a morte da coisa, ou seja, o simbólico está sempre associado à morte. Vê-se que o modelo de “que toda pulsão é virtualmente pulsão de morte” é a consequência lógica de tomar a pulsão a partir do simbólico e este trazer em si a morte. Ao relacionar a libido com o significante e a morte, Lacan aproxima a libido da pulsão de morte.

³¹ Excerto do capítulo *A pulsão I* do livro *Para ler o seminário 11* (1997, p. 130).

4 O CONFRONTO DA TEORIA PULSIONAL EM FREUD E LACAN

O questionamento acerca dos vínculos existentes, ou sua ausência, entre instinto e pulsão, marca o ponto de partida do confronto da teoria pulsional em Freud e Lacan. Toda a elaboração do conceito de pulsão em Freud e Lacan testemunha a completa falta de base comum entre pulsão e instinto. Freud faz uma distinção entre *Trieb* e *Instinkt*, o primeiro seria a manifestação da sexualidade no homem em sua insistência permanente, sem comportamento pré-formado e na ausência de objeto específico, já o segundo, incide em um comportamento determinado hereditariamente e com objeto específico.

O ponto de partida de Lacan é distinto, mas igualmente, convergente. Ele trabalha o conceito de pulsão a partir da relação estabelecida entre demanda e necessidade – a pulsão é o que advém quando o significante da demanda barra a necessidade – ou a partir da demanda do Outro. No artigo *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]), Lacan afirma que a pulsão é o que sucede ao sujeito quando este desvanece frente à demanda do Outro. O sexual na teoria lacaniana está submetido ao significante, ao discurso do Outro. Aqui não há qualquer possibilidade de confundir-se pulsão e instinto, pois a linguagem coloca-os em patamares distintos, o primeiro, ao que é sexual e humano e o segundo, ao que é da ordem dos demais animais.

Brousse (1997, p.128) assegura que a obra de Lacan serve para destacar a oposição entre pulsão e instinto:

Toda a obra de Lacan destaca o fato de não haver uma base comum entre instintos e pulsões. [...]
 [...] A satisfação não implica uma mudança na força pulsional; ela permanece constante, o que é um tanto paradoxal. [...]
 [...] Por isso Lacan diz que esta é uma montagem. É uma montagem precisamente porque não é determinada por uma força momentânea, um objeto inato, um alvo na sua finalidade, ou consumo. O instinto, de certo modo, não é uma montagem: parece mais um programa. É um programa organizado de correspondência entre o mundo exterior e o programa internalizado. Para a pulsão, não há tal coerência entre o mundo exterior e o programa interno, por isso a montagem deve ser oposta ao programa.

Ao falar da pulsão, Freud destaca: a exigência de trabalho feita à mente em virtude de sua ligação com o corpo, o seu lugar fronteiro – entre o somático e o psíquico – e sua representação psíquica. Inicialmente, Lacan elabora o conceito de pulsão a partir da relação

estabelecida entre necessidade e demanda ou através da demanda do Outro. No escrito, *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]), o matema da pulsão ($\$ \leftrightarrow D$) contempla apenas a dimensão simbólica da pulsão, ou seja, é uma definição simbólica, pois os termos sujeito barrado (\$) e demanda do Outro (D) são simbólicos. Neste algoritmo, não há lugar para a dimensão real da pulsão.

Para o investigador, a articulação que Lacan realiza da pulsão com a necessidade e a demanda permite uma aproximação com o aspecto fronteiro de pulsão em Freud. É importante lembrar que o sujeito da necessidade é mítico para Lacan, na medida em que o simbólico antecede ao sujeito.

Brousse (1997, p. 131) destaca que a fórmula da pulsão ($\$ \leftrightarrow D$) é puramente simbólica no *Seminário 11* de Lacan e que é somente com a criação do objeto *a* que o real participará do pulsional:

[...] Mas o que muda na obra de Lacan depois do *Seminário 11* é a definição da pulsão, que aqui é puramente simbólica. Sujeito barrado e a demanda são puramente simbólicos. Logo, não há lugar para o real nessa apresentação. Não há conexão com o objeto *a*, porque, na fantasia do neurótico, o objeto *a* é definido como a demanda do Outro. Com o objeto *a*, Lacan introduz o real – isto é, o gozo.

O matema da pulsão ($\$ \leftrightarrow D$) do grafo de desejo, por possuir somente elementos simbólicos (\$, D), não se aproxima do conceito fronteiro da pulsão freudiana.

No livro *Silet – Os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*, Miller (2005, p. 101) destaca o aspecto de fronteira da pulsão lacaniana a partir dos registros imaginário, simbólico e real:

Se, em Freud, a pulsão é conceito fundamental, fronteiro, entre psíquico e orgânico, em Lacan, ela aparece em princípio como fronteira entre simbólico – uma vez que é estruturada pela intencionalidade do desejo – imaginário e real.

O objeto *a* do algoritmo da fantasia ($\$ \leftrightarrow a$) do grafo do desejo, presente no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998 [1960]), ainda é imaginário. Com a apresentação do objeto *a* – real – no seminário *A angústia* (1962-1963), Lacan introduz o real e o gozo em sua teoria pulsional. Desta forma, o conceito de pulsão não é apenas simbólico, mas encontra-se na fronteira entre o imaginário, o simbólico e o real, o que o aproxima do aspecto fronteiro do conceito de pulsão de Freud.

Dando sequência ao confronto, Leite (1992, p. 86-87) destaca uma distinção epistemológica entre Freud e Lacan:

[...] Talvez o que se pudesse enfatizar de forma mais dramática é que, em algum momento, Lacan se opôs a Freud. Pois se para Freud no princípio era o ato, frase que ele extraiu de Goethe, para Lacan no princípio era o verbo, frase tirada do evangelho de São João.

O investigador concorda com Leite (1992) acerca desta oposição epistemológica entre Freud e Lacan, e, desta forma, retoma esta diferença para poder discutir outros dois aspectos do conceito de pulsão nestes autores: a exigência de trabalho da pulsão e sua representação psíquica. Antes de analisá-las pela perspectiva do ato ou verbo, é indispensável ver esta questão nas obras dos autores.

Nos textos *Totem e tabu* (1987 [1912-1913]) e *A questão da análise leiga* (1987 [1926]), Freud discute a questão do ato e da ação:

Os homens primitivos, por outro lado, são *desinibidos*: o pensamento transforma-se diretamente em ação. Neles, é antes o ato que constitui um substituto do pensamento, sendo por isso que, sem pretender qualquer finalidade de julgamento, penso que no caso que se nos apresenta pode-se presumir com segurança que ‘no princípio foi o Ato’ (1987 [1912-1913], v. XIII, p. 190-191).

[...] Sem dúvida ‘no começo foi a ação’ e a palavra veio depois; em certas circunstâncias ela significou um progresso da civilização quando os atos foram amaciados em palavras (1987 [1926], v. XX, p. 214).

No texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1998 [1953]), Lacan diz que no começo está o verbo:

Com efeito, como haveria a fala de esgotar o sentido da fala – ou, para dizê-lo melhor, com o logicismo positivista de Oxford, o sentido do sentido –, a não ser no ato que o gera? Assim, a inversão goetheana de sua presença nas origens – “No começo era a ação” – inverte-se, por sua vez: era realmente o verbo que estava no começo, e vivemos em sua criação, mas é a ação de nosso espírito que dá continuidade a essa criação, renovando-a sempre (1998 [1953], p. 272-273).

Os excertos aludidos acima parecem aproximar-se ou confirmar o que Leite (1992) diz acerca do antagonismo epistemológico entre Freud e Lacan. Retornando ao centro da discussão que são a exigência de trabalho e a representação psíquica da pulsão, pode-se, talvez, dizer que para Freud a ênfase recaia mais na exigência de trabalho da pulsão e em Lacan, na representação. Não é o caso de falar da pulsão de morte que age silenciosamente e sem representação? Isto não se aproximaria da ênfase no real e no gozo na segunda clínica em

oposição ao destaque dado ao simbólico na primeira clínica de Lacan? Vale destacar, que mesmo na clínica do real o único acesso ao gozo é pela palavra. Esta questão deve ser reservada para uma investigação futura.

Prosseguindo o confronto com a discussão da hipótese da pulsão de morte e do mais além do princípio de prazer, percebe-se uma grande convergência entre os autores. No texto *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]), Freud afirma que subjacente à compulsão à repetição há uma pulsão, e dá a ela o nome de pulsão de morte. Esta pulsão age silenciosamente, em uma exigência incessante por abolir radicalmente as tensões, num mais além do princípio de prazer.

No seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964], p. 195), Lacan enfatiza que a pulsão é fundamentalmente pulsão de morte:

Daí vocês compreendem que – pela mesma razão que faz com que seja pelo logro que o vivo sexuado seja induzido à sua realização sexual – a pulsão, a pulsão parcial, é fundamentalmente pulsão de morte, e representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado.

Ele utiliza o recurso da linguagem para explicar que toda pulsão é fundamentalmente pulsão de morte. A linguagem traz em si a morte – a palavra mata a coisa – e como a pulsão é articulada a partir da linguagem, tem-se por decorrência lógica que toda pulsão é fundamentalmente pulsão de morte.

Brousse (1997, p. 131) assevera que Lacan é freudiano no que diz respeito ao mais além do princípio de prazer e à pulsão de morte:

Quando Freud opôs a pulsão de morte e as pulsões de vida, já estava propondo uma esfera que existe para além do princípio do prazer. Lacan, nesse sentido, é freudiano, porque ele também propõe uma dimensão que existe para além do princípio do prazer.

Vale ressaltar que a afirmação de que toda pulsão é fundamentalmente pulsão de morte aproximam os autores no que diz respeito ao mais além do princípio de prazer. No texto *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]), Freud dá relevo ao modelo dualista das pulsões:

[...] Nossas concepções, desde o início, foram dualistas e são hoje ainda mais definidamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre instintos do ego e instintos sexuais, mas entre instintos de vida e instintos de morte (1987 [1920], v. XVIII, p. 73).

A hipótese da pulsão de morte permite a Freud escapar do modelo monista de pulsão, haja vista o perigo que representou para o modelo dualista das pulsões o eu ser tomado, tanto, como reservatório da libido, quanto, objeto dos investimentos libidinais das pulsões sexuais. Como ficaria a oposição entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais? Diante do risco das pulsões do eu serem assimiladas às pulsões sexuais, e daí, resultar um monismo pulsional, Freud oferece com a hipótese da pulsão de morte um novo dualismo. É certo que este não foi o motivo determinante da formulação da hipótese da pulsão de morte, e, sim, a compulsão à repetição e o mais além do princípio de prazer. Com Freud, a ênfase se reparte entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, enquanto, com Lacan, o destaque é dado à pulsão de morte, mesmo que isto não implique um modelo monista.

A afirmação de que toda pulsão é fundamentalmente pulsão de morte, aproxima a libido da pulsão de morte. Brousse (1997, p. 130) diz que, em Lacan, a libido é um nome para a pulsão de morte:

Em “Position de l’inconscient” Lacan fala sobre a libido, dizendo que ela está relacionada à morte. Nesse texto, ele diz que toda pulsão é uma pulsão de morte: não existe outra pulsão além da pulsão de morte. Num certo sentido, pois, a libido é um aspecto, também, da pulsão de morte. [...] A morte está sempre ligada à ordem simbólica. É por isso que a pulsão definida por essa ordem é pulsão de morte ; para Lacan, a libido é um nome para pulsão de morte.

Talvez o trecho a que se refere Brousse (1997), do artigo *Posição do inconsciente* (1998 [1960]), seja esse:

O sujeito falante tem o privilégio de revelar o sentimento mortífero desse órgão e, através disso, sua relação com a sexualidade. Isso porque o significante como tal, barrando por intenção primeira o sujeito, nele fez penetrar o sentido da morte. (A letra mata, mas ficamos sabendo disso pela própria letra.) Por isso é que toda pulsão é virtualmente pulsão de morte. (LACAN, 1998 [1960], p. 862-863).

Na realidade, esta aproximação da libido à pulsão de morte é uma consequência do destaque dado por Lacan a esta pulsão. Ao contrário, para Freud, a libido é energia de *Eros*, da pulsão de vida. No texto *Esboço de psicanálise* (1987 [1938]), Freud diz que a libido é a energia da pulsão de vida e que não existe um termo análogo para descrever a energia da pulsão de morte.

O último aspecto a ser abordado neste confronto é o aspecto econômico³² das pulsões. Para Miller (2005, p. 82), “se Lacan nos levou a traduzir a questão do gozo em termos de objeto, foi ao preço de se deixar de lado a face energética da pulsão” e para confirmar seu ponto de vista refere-se a um excerto do texto *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache – psicanálise e estrutura da personalidade* (1998 [1960]):

A partir daí, não deixaremos de ficar impressionados com a indiferença combinatória, que se demonstra, efetivamente, pela desmontagem da pulsão segundo sua fonte, sua direção, seu alvo e seu objeto. Quererá isso dizer que tudo nela é significante? Certamente, não, mas é estrutura. Por isso deixemos agora de lado seu status energético (LACAN, 1998 [1960], p. 665).

Esta posição de Miller (2005) não é seguida por Jorge (2003), pois, para ele o seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964]) dá destaque ao aspecto econômico da pulsão:

Esse aspecto da força constante da pulsão, Lacan vai chamá-lo de tensão estacionária, uma belíssima expressão empregada no *Seminário 11*. Sobre a força constante da pulsão, assim nomeada por Freud, Lacan vai dizer: ela é uma tensão estacionária. Ele diz assim: “ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, não tem subida nem descida”, ou seja, não apresenta qualquer espécie de variação. [...] Essa energia, essa força da pulsão é precisamente aquilo que Freud chamou de Libido. É uma energia que jamais decresce, ela está sempre no mesmo patamar de quantidade, de intensidade.

Observa-se que, em relação ao aspecto econômico da pulsão, estes autores divergem, o primeiro enfatizando que Lacan deixou de lado este aspecto e o segundo, confirmando-o em sua obra.

No seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988 [1964], p. 171), Lacan afirma o aspecto econômico da pulsão e, para isso, utiliza de uma metáfora de Freud:

Devemos considerar a pulsão sob a rubrica da *Konstante Kraft* que a sustenta como uma tensão estacionária. Notemos, até as metáforas que Freud nos dá para exprimir essas saídas, *Schub* diz ele, que ele traduz imediatamente pela imagem que ela suporta em seu espírito, a de uma ejeção de lava, emissão material da deflagração energética que aí se produz em diversos tempos sucessivos, que completam, vindo umas sobre as outras, essa forma de trajeto de retorno.

³² Laplanche (1986) e Pontalis assim se expressam acerca do aspecto econômico no *Vocabulário de psicanálise*: “Qualifica tudo o que se refere à hipótese segundo a qual os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, suscetível de aumento diminuição, de equivalências”.

Lacan posiciona-se diferentemente, em relação ao aspecto econômico da pulsão, em textos muito próximos temporalmente, no primeiro, 1960, e, no segundo, 1964. A posição do investigador é que, neste período de seu ensino, Lacan tenta explicar tudo a partir do simbólico e que essa insistência de tudo explicar pelo significante acaba por mitigar o aspecto econômico da pulsão.

Em Freud, o aspecto econômico é enfatizado em toda sua obra, desde os textos pré-psicanalíticos como o *Projeto para uma psicologia científica* (1987 [1895]), passando pelos artigos sobre metapsicologia – *Os instintos e suas vicissitudes* (1987 [1915]), *Repressão* (1987 [1915]) e *O inconsciente* (1987 [1915]) – e finalizando com os textos a partir de 1920, *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]) e outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa propiciou concluir que a elaboração do conceito de pulsão em Freud e Lacan não permite nenhuma aproximação entre pulsão e instinto. O conceito de pulsão em Freud é a manifestação da sexualidade no homem e apresenta as seguintes características: inexistência de comportamento pré-formado e ausência de objeto específico. Para ele, o instinto, contrariamente ao que já dito acerca das pulsões, apresenta um comportamento determinado hereditariamente e com objeto específico.

Para Lacan, a pulsão é a incidência do significante da demanda sobre a necessidade ou o desvanecimento do sujeito frente à demanda do Outro. A linguagem separa o que é da ordem da pulsão e o que é da ordem do instinto.

No seu conceito de pulsão, Freud destaca: a exigência de trabalho feita à mente em virtude de sua ligação com o corpo, o seu lugar fronteiro – entre o somático e o psíquico – e a sua representação psíquica. Para o investigador, a articulação que Lacan realiza da pulsão, a partir da relação estabelecida entre demanda e necessidade, permite uma aproximação ao aspecto fronteiro de pulsão em Freud.

Quando Lacan formula o conceito de pulsão ($\$ \leftrightarrow D$), no grafo do desejo, a partir do sujeito (\$) e da demanda do Outro, não parece haver possibilidade de se pensar o lugar fronteiro para a pulsão. Tanto o sujeito, quanto a demanda são simbólicos, não há elementos heterogêneos. Há outra possibilidade de se pensar o conceito fronteiro de pulsão em Lacan a partir da introdução do objeto *a*. A pulsão estaria na fronteira dos registros imaginário, simbólico e real.

O investigador considera haver uma distinção epistemológica entre o ensino de Freud e de Lacan. Para Freud, no princípio está o ato e, em Lacan, no princípio está o verbo. Esta oposição epistemológica serviu para discutir outros dois aspectos da pulsão: a exigência de trabalho feita à mente em virtude da ligação deste com o corpo e a sua representação psíquica. O investigador concluiu que há em Freud uma ênfase na exigência de trabalho da pulsão e que, em Lacan, o destaque é para a representação psíquica desta. Vale ressaltar que,

da exigência de trabalho, o sujeito só pode ter acesso ao que é da ordem da representação psíquica. Trata-se de ênfase e não de oposição.

Para Freud, a hipótese da pulsão de morte serve, não somente, para explicar os fenômenos relacionados à compulsão à repetição, mas também, para afirmar um novo modelo dualista das pulsões: pulsões de vida e pulsões de morte. Lacan enfatiza a pulsão de morte, mesmo que isto não origine um modelo monista. Este destaque dado por ele a esta pulsão acaba por aproximar a libido da pulsão de morte.

O último tópico abordado na pesquisa refere-se ao aspecto econômico das pulsões nos dois autores. Em Freud, o aspecto econômico é enfatizado em toda sua obra, desde os textos pré-psicanalíticos, como o *Projeto para uma psicologia científica* (1987 [1895]), passando pelos artigos sobre metapsicologia – *Os instintos e suas vicissitudes* (1987 [1915]), *Repressão* (1987 [1915]) e *O inconsciente* (1987 [1915]) – e finalizando com os textos a partir de 1920, *Além do princípio de prazer* (1987 [1920]), *O ego e o id* (1987 [1923]) e outros.

Em relação a Lacan, o investigador encontrou posicionamentos diversos acerca do aspecto econômico de sua teoria pulsional, um afirmando a sua presença e outro suprimindo. A posição do investigador é que, neste período de seu ensino, Lacan tenta explicar tudo a partir do simbólico e que essa insistência de tudo explicar pelo significante acaba por mitigar o aspecto econômico da pulsão.

Esta pesquisa procurou contribuir com a literatura do confronto da teoria pulsional em Freud e Lacan, sendo que a comparação em Lacan se restringiu aos momentos cujas ênfases recaíram no imaginário e no simbólico. O confronto desta teoria tendo como destaque o real na teoria lacaniana das pulsões será deixado para uma investigação posterior.

BIBLIOGRAFIA

ASSOUN, P. L. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BRAUNSTEIN, N. Gozo. São Paulo: Escuta, 2007.

CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. *Para ler o seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho E – como se origina a angústia (1894). In: ____ *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. I. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

____. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: ____ *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In : ____ *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. VII. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910). In : ____ *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XI. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

____. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910). In : ____ *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. XI. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: ____ *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Os instintos e suas vicissitudes. In:_____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Repressão (1915). In:_____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. O inconsciente (1915). In:_____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. O estranho (1919). In:_____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.XVII. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Além do princípio do prazer (1920). In:_____. *Obras psicológicas completas*, v. XVIII. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. O ego e o id (1923). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. O problema econômico do masoquismo (1923). In:_____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. O mal-estar na civilização (1929). In:_____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Análise terminável e interminável (1937). In:_____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Esboço de psicanálise (1938). In :_____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Ed. Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

JORGE, M. C. Texto “A Pulsão de Morte”. Aula Inaugural proferida no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, 21/2/2003.

LACAN, J. *O Seminário. Livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *O Seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *O Seminário. Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O Seminário. Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In:_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In:_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LEITE, M. P. S. *A negação da falta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

_____. *Os signos do gozo I*. Brasil: 1996. Disponível em: http://www.marciopeter.com.br/.../os_signos_do_gozo/01_os_signos_do_gozo_I.pdf. Acesso em: 05/01/2009.

_____. *Os signos do gozo II*. Brasil: 1997. Disponível em: http://www.marciopeter.com.br/links/.../02_os_signos_do_gozo_II.pdf. Acesso em: 05/01/2009.

____. *A pulsão é palavra*. Brasil: 1998. Disponível em: http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/letra/14_aula.pdf. Acesso em: 05/01/2009.

____. *Apalavra e alíngua*. Brasil: 1998. Disponível em: http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/letra/11_aula.pdf. Acesso em: 05/01/2009.

____. *A noção de Real e os momentos de uma análise*. Brasil: 1998. Disponível em: http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/letra/1_aula.pdf. Acesso em: 05/01/2009.

____. *A noção de Real no último Lacan*. Brasil: 1998. Disponível em: http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/letra/10_aula.pdf. Acesso em: 05/01/2009.

____. *A última instância da Letra*. Brasil: 1998. Disponível em: http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/letra/3_aula.pdf. Acesso em: 05/01/2009.

____. *Clínica da substituição – Clínica da conexão*. Brasil: 1998. Disponível em: http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/letra/7_aula.pdf. Acesso em: 05/01/2009.

____. *A teoria dos gozos em Lacan*. Brasil: 2001. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=142:a-teoria-dos-gozos-em-lacan&catid=9:psicanalise&Itemid=20. Acesso: 05/01/2009

MIJOLLA, A. *Dicionário internacional da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. *Silet: Os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RUDGE, Ana Maria. *Pulsão e linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001